



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**O PEDAGOGO NO CONTEXTO HOSPITALAR: ATUAÇÃO, RELEVÂNCIA E
DESAFIOS**

**Raylane Correia de Jesus
Matrícula 16/0143128**

Brasília, 3 de maio

Raylane Correia de Jesus

**O PEDAGOGO NO CONTEXTO HOSPITALAR: ATUAÇÃO, RELEVÂNCIA E
DESAFIOS**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias.

Brasília, 3 de maio de 2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Correia, Raylane O PEDAGOGO NO CONTEXTO HOSPITALAR: ATUAÇÃO, RELEVÂNCIA E DESAFIOS / Raylane Correia, de Jesus; orientador Paula Maria Cobucci Ribeiros Dias. -- Brasília, 2022. 74 p.

Monografia (Graduação - pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2022.

1. Educação. 2. Desafios e Pedagogia hospitalar. 3. Classe hospitalar; 4. Brinquedoteca hospitalar. 5. Importância e função do pedagogo hospitalar. I., de Jesus. II. Cobucci, Paula, orient. III. Título.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Amaralina Miranda de Souza (Examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Antônio Villar Marques de Sa (Examinador)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Adriana da Silva Ramos de Oliveira (Suplente)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília, 3 de maio de 2022

Dedico este trabalho, aos meus pais, Eva e Isael, minhas irmãs, Raniele e Rayara, e ao meu namorado, Brenner, que me deram força, ânimo, coragem, palavras de afeto e persistência para que eu conseguisse chegar até aqui. Sou muito grata a eles.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me sustentado até aqui, pois sem sua promessa, proteção, compaixão, misericórdia e graça, jamais teria conseguido realizar o meu sonho de ser universitária e me formar na UnB. Por isso o engrandeço e adoro. Também agradeço a Deus por colocar pessoas que contribuíram imensamente na minha jornada acadêmica e amadurecimento.

Agradeço aos meus pais Eva e Isael, que estiveram comigo durante esse percurso, me deram alento nos momentos difíceis, suporte emocional e financeiro, e me incentivaram durante toda a minha vida que somente os estudos e o conhecimento podem nos tirar da ignorância e proporcionar o pensamento crítico, condições melhores de vida e principalmente independência. Eles me ensinaram que obter conhecimento é algo que fica dentro de nós e ninguém além de Deus pode tirar, nos dá identidade e abre portas para lugares onde jamais a ignorância entra.

Agradeço a minha irmã Raniele e ao meu irmão Wendel que me deram um apoio imensurável e estiveram comigo em todos os momentos e acreditam mais do que ninguém que serei a melhor pedagoga que eles já conheceram. Também agradeço ao meu namorado Brenner que me deu total apoio, me incentivou a continuar em algumas disciplinas quando eu queria trancar, me ajudou quando precisei e esteve comigo nos momentos de alegrias, tristezas e teve muita paciência comigo durante esses 6 anos de UnB.

Também quero deixar meus agradecimentos aos meus colegas de turma e aos amigos que a UnB me deu de presente e a todas as incríveis oportunidades que a universidade ofereceu para a minha formação superior. Acredito que não teria os mesmos conceitos adquiridos e oportunidades estudando em outra instituição. Além disso, quero agradecer a todos os docentes da Faculdade de Educação que com muito esmero realizam um trabalho incrível e nos ofertam caminhos e possibilidades indescritíveis. Mas em especial quero agradecer a três professoras que fizeram a total diferença na minha jornada universitária e me deram todo apoio necessário para que eu chegasse nesse momento mais importante de um universitário, a escrita e apresentação do TCC.

Em primeiro lugar quero agradecer a Professora Doutora Amaralina Miranda, que me deu a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos sobre a pedagogia hospitalar e despertou em mim o desejo de descobrir, pesquisar, realizar meu estágio

obrigatório e remunerado e escrever meu TCC nessa área da pedagogia. Em segundo lugar, quero agradecer a Professora Doutora Érica Santana Silveira Nery, que no primeiro semestre a distância na UnB, por causa da pandemia, me deu todo suporte e me orientou a ter confiança na escrita para que eu desenvolvesse o pré-projeto desse TCC, na disciplina obrigatória Projeto 3.2. Foi maravilhosa a metodologia que ela usou nessa disciplina, principalmente pelo momento grave em que estávamos passando durante o início da pandemia. Sempre serei grata a ela por me acolher e ajudar nesse período tão complicado.

Para encerrar meus agradecimentos, quero imensamente demonstrar minha gratidão e reconhecimento a minha orientadora Professora Doutora Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias, que com grande esmero, carinho, elogios, palavras doces e de incentivo me fizeram concluir este estudo. Por meio dela tive a inspiração de escrever da melhor maneira possível sobre minha grande paixão que é a Pedagogia Hospitalar. Durante a construção deste estudo, ela me mostrou todas as ferramentas, deu relevância a todas as minhas ideias de desenvolvimento e foi extremamente importante para a conclusão desta etapa em minha vida. Serei eternamente grata a essas professoras que de forma positiva contribuíram para o meu amadurecimento e conclusão do Ensino Superior.

“ A verdadeira educação é aquela que nos possibilita sermos seres humanos, verdadeiramente humanos. ”

Claudemir Sales

RESUMO

Este estudo tem por objetivo principal apresentar a importância e a função do pedagogo no contexto hospitalar, bem como os desafios que o professor enfrenta para conseguir atender às demandas das crianças e adolescentes. Também expõe meios de superar os desafios, dialogando com autores que refletem sobre esses temas como, por exemplo Ceccim (1999) Esteves (2008), Matos e Mugiatti (2007), Melo e Lima (2015), Oliveira (2013), Silva e Andrade (2013), Souza (2011). Também tem como proposta, demonstrar uma perspectiva diferente em relação à atuação do pedagogo em ambiente não escolar e apresentar o conceito, o surgimento no mundo, no Brasil e em seguida no Distrito Federal da pedagogia hospitalar. A metodologia usada para desenvolver este estudo é uma pesquisa bibliográfica e como instrumento de pesquisa é utilizado um formulário on-line, o qual é preenchido a partir de 8 questões que abordam sobre a rotina, contribuições, desafios, as principais diferenças entre os planejamentos, a estrutura e os recursos que o hospital oferece e os materiais pedagógicos que podem ser utilizados na pedagogia hospitalar. Esse formulário é preenchido por uma pedagoga, uma psicopedagoga e uma supervisora que atuam no contexto hospitalar, em um hospital localizado no Distrito Federal. Um dos principais resultados e análises obtidos nesta pesquisa é a desvalorização da pedagoga que atua no contexto hospitalar em relação a equipe médica de saúde e funcionários do hospital. Nas respostas obtidas, é perceptível que a atuação das pedagogas não é devidamente reconhecida por parte da equipe de saúde e conseqüentemente tem seu espaço desvalorizado no hospital. Sendo assim, as profissionais trabalham arduamente para conquistarem seu espaço, para serem valorizadas e integradas na equipe multiprofissional do hospital. Além disso, é possível compreender a rotina de cada colaboradora e como contribuem para o desenvolvimento dos estudantes. O hospital utilizado como referência para a construção deste estudo, oferece estrutura e recursos de ótima qualidade tanto para as pedagogas, quanto para os estudantes desenvolverem suas atividades e também definem os recursos que não podem ser usados, como por exemplo, isopor, purpurina, brinquedos de pelúcia, balão, tinta de rosto, por causa do contexto hospitalar.

Palavras-chave: Educação; desafios e Pedagogia hospitalar; classe hospitalar; brinquedoteca hospitalar; importância e função do pedagogo hospitalar.

ABSTRACT

The main purpose of this study is to present the importance and role of the pedagogue in the hospital context, as well as the challenges that the teacher faces in order to meet the demands of children and adolescents. It also exposes ways to overcome the challenges, dialoguing with authors who reflect on these themes, such as Esteves (2008), Oliveira (2013), Melo and Lima (2015), Ceccim (1999), Souza (2011), Matos and Mugiatti (2007), Silva and Andrade (2013), among other authors. This also has as proposal, to demonstrate a different perspective in relation to the pedagogue performance in non-school environment and to present the concept, the emergence in the world, in Brazil and then in the Federal District of the hospital pedagogy. The methodology used to develop this study is a bibliographic research and as a research instrument an online form is used, which is filled out based on 8 questions that address the routine, contributions, challenges, the main differences between the planning, the structure and resources that the hospital offers, and the pedagogical materials that can be used in hospital pedagogy. This form is filled out by a pedagogue, a psychopedagogue and a supervisor who work in the hospital context, in a hospital located in the Federal District. One of the main results and analyses obtained in this research is the devaluation of the pedagogue who works in the hospital context in relation to the medical health team and hospital employees. In the answers obtained, it is noticeable that the work of pedagogues is not duly recognized by the health team, and consequently their space in the hospital is undervalued. Thus, the professionals work hard to conquer their space, to be valued and integrated into the hospital's multiprofessional team. Furthermore, it is possible to understand the routine of each employee and how they contribute to the development of the students. The hospital used as reference for the construction of this study offers a structure and resources of excellent quality for both the pedagogues and the students to develop their activities, and also defines the resources that cannot be used, such as Styrofoam, glitter, plush toys, balloons, face paint, because of the hospital context.

Keywords: Education, challenges and hospital Pedagogy, hospital class, hospital toy room, importance and function of the hospital pedagogue.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
PARTE I – MEMORIAL	13
PARTE II – MONOGRAFIA	21
INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO 1: CONTEXTO HISTÓRICO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR.....	27
1.1 Breve histórico da Pedagogia Hospitalar.....	27
1.2 Leis que asseguram o ensino hospitalar.....	28
CAPÍTULO 2: DIFERENTES ATUAÇÕES DO PEDAGOGO HOSPITALAR: BRINQUEDOTECA E CLASSE HOSPITALAR.....	31
2.1 Função e importância do Pedagogo Hospitalar.....	31
2.2 Características pertinentes para a atuação do pedagogo no âmbito hospitalar.....	36
2.3 As diferenças entre os planejamentos para o atendimento na brinquedoteca ambulatorial, brinquedoteca na área da internação e na classe hospitalar.....	38
CAPÍTULO 3: OS PRINCIPAIS DESAFIOS DA PEDAGOGIA HOSPITALAR...42	42
3.1 Desafios encontrados por professores que atuam na área hospitalar.....	42
3.1.1 Flexibilidade do planejamento pedagógico no hospital.....	43
3.1.2 Estrutura física, recursos e higienização.....	45
3.1.3 Relação com sofrimento e morte.....	47
3.1.4. Como superar os desafios?	47
3.2 O Pedagogo como parte da equipe multiprofissional do hospital.....	50

CAPÍTULO 4: ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES.....	52
4.1 Caracterização das colaboradoras da pesquisa.....	52
4.2 Metodologia do formulário.....	52
Considerações finais.....	58
PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	65
REFERÊNCIAS.....	66
APÊNDICE.....	70

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso estudo está dividido em 3 partes, as quais são: memorial, monografia e perspectivas profissionais. No memorial, é abordado a minha trajetória escolar, na qual eu cursei por completo no Distrito Federal desde a Educação Básica até a Educação Superior. Também relato como iniciou o meu interesse pela Pedagogia Hospitalar e como tive minhas experiências de estágio. A monografia é organizada em 4 capítulos, os quais são: Capítulo 1- Contexto Histórico da Pedagogia Hospitalar. Capítulo 2- Diferentes atuações do pedagogo hospitalar: Brinquedoteca e classe hospitalar. Capítulo 3- Os principais desafios da Pedagogia Hospitalar. Capítulo 4- Análise das informações.

O capítulo 1 é subdividido em dois tópicos, nos quais são contextualizados o histórico da pedagogia hospitalar e as Leis que asseguram o ensino na classe hospitalar. No capítulo 2, a subdivisão é feita em 3 tópicos, os quais abordam a rotina e a relevância do pedagogo no contexto hospitalar, as funções, as diferenças que existem entre os planejamentos para classe hospitalar e brinquedoteca e as características pertinentes ao pedagogo. No capítulo 3, descrevo os principais desafios enfrentados pelo pedagogo no contexto hospitalar e trago possíveis soluções para esses desafios. Além disso, é descrito a importância do pedagogo como parte da equipe multiprofissional do hospital.

E por fim no capítulo 4, exponho as perspectivas das colaboradoras da pesquisa, relacionando com a realidade e os teóricos que abordam o tema da pedagogia hospitalar. Para finalizar este trabalho de conclusão de curso, trago as considerações finais e na parte 3, minhas perspectivas profissionais.

PARTE I – MEMORIAL

Este memorial educativo tem como objetivo apresentar como foram minhas experiências educacionais desde a educação infantil até o momento em que estou finalizando o meu curso de graduação em pedagogia na Universidade de Brasília. Está dividido em dois níveis da minha educação (básica e superior) e são detalhados os momentos marcantes. Minha trajetória escolar aconteceu no Distrito Federal, pois moro aqui desde quando nasci. Dessa forma, minha educação básica é realizada na Região Administrativa de Ceilândia e a educação superior é realizada na Região Administrativa de Brasília.

Educação Básica:

Educação Infantil

Minha educação infantil inicia aos quatro anos, em uma escola perto da minha casa. Todos os dias eu brincava no pátio da escola, descia no escorregador, pulava na cama-elástica, brincava na piscina de bolinhas, gostava muito de pintar e estava aprendendo o alfabeto. Minha professora era ótima, meiga, sorridente e amava todos os alunos.

Não lembro de muitos fatos dessa fase, mas sei que tudo era uma maravilha, a única coisa que me deixava triste eram os meus colegas, porque eu era gordinha e na hora do recreio eles não me deixavam brincar e colocavam apelidos que não me agradavam. Então, eu brincava com as crianças das outras salas. Nessa escola, permaneci até os 5 anos e seis meses.

Pouco tempo depois, ingressei na escola pública aos 6 anos. Lembro que era na metade do ano e eu estava muito feliz, porque eu gostava muito de ir à escola e estava há alguns meses sem frequentar. Fiz o antigo pré na escola pública em apenas 6 meses, porque eu já conhecia o alfabeto, sabia escrever meu nome inteiro, conseguia identificar sílabas (nessa época eu me esforçava muito para conseguir aprender a ler, porque queria ler sozinha as histórias que minha mãe me contava antes de dormir) e estava apta para começar o Ensino Fundamental no ano seguinte.

Ensino Fundamental

Meu ensino fundamental começou aos sete anos na antiga primeira série. Minha professora se chamava Williman, ela era uma profissional dedicada e carinhosa com os alunos. Lembro-me de que, ao final da aula, quando sobrava tempo, ela lia livros e eu achava isso uma maravilha, pois estava aprendendo a ler melhor e amava ouvir histórias.

Naquele tempo, tirava excelentes notas, principalmente em português, que era minha matéria preferida. O recreio era a melhor parte da tarde, que demorava tanto para passar. Eu corria, brincava de casinha, pic-alto, pulava corda, mas às vezes ficávamos sem recreio, pois, meus colegas de sala eram muito bagunceiros e a professora deixava a turma de castigo.

O melhor dia da semana era sexta-feira, porque, em frente à escola, havia uma praça grande com quadra de futebol, bancos, árvores, e nós passávamos a tarde quase toda lá. Em uma dessas tardes de brincadeiras, eu estava correndo, tropecei, caí e machuquei muito meu joelho. Até hoje, tenho cicatriz. Eu era muito calma, amiga, gostava muito dos meus colegas, nunca tive inimizade e brigas com nenhum deles. Ao final do ano, fizemos uma festinha de despedida, e assim terminou a minha primeira série do ensino fundamental.

No ano seguinte, com a mesma turma, comecei a segunda série do ensino fundamental. Minha professora se chamava Edna, ela era uma boa profissional, mas era muito estressada, gritava muito fácil, brigava com os alunos, mas comigo era tranquila. Continuei sendo dedicada aos estudos, com boas notas, fazia todos os deveres de casa e trabalhos, brincava e me divertia com meus colegas mais próximos. Nesse ano não aconteceu nada que marcou muito minhas lembranças.

Sempre passando sem ficar de recuperação e com boas notas, começa minha terceira série do ano letivo. Minha professora se chamava Stella, eu gostava muito dela. As aulas eram divertidas e com dinâmicas para aprender melhor a matéria. Nós ganhávamos doce, chocolate, tinha músicas e com isso a aula era interessante. Lembro que naquela época eu gostava muito de desenhar e pintar e na sexta-feira a aula era de arte, eu fazia desenhos com tinta guache no isopor, cartolina e a professora colocava os melhores desenhos na parede. Depois da aula, nós íamos para a praça brincar.

Nos dias de praça, eu amava subir em árvores para conversar com minhas colegas. Uma dessas árvores era baixinha e tinha uma colmeia. Certo dia, um dos meus colegas pegou um pedaço de madeira e a cutucou até cair no chão. Nesse dia foi engraçado (mas na perspectiva de hoje, percebo que foi perigoso) ele foi todo picado de abelha e quem estava perto também, a professora ficou desesperada sem saber o que havia acontecido e um monte de aluno correndo pela praça, ainda bem que nessa hora eu estava longe.

Depois desse acontecimento levamos uma bronca da professora, porque não era a primeira vez que tinha nos avisado e ficamos três meses sem ir à praça. Foram as piores sextas-feiras do ano, víamos as outras crianças indo e não podíamos ir. Então, voltamos para a praça na última semana de aula, organizamos nossa festa de despedida com a professora e assim terminamos o ano letivo.

Aos dez anos, na quarta série do ensino fundamental, comecei meu último ano na escola classe 28 de Ceilândia, que fica perto da minha casa e da Praça. Em todos esses anos, passei cada série com a mesma turma, uma vez ou outra entravam alunos novos. Éramos muito unidos. Nesse ano, nossa professora se chamava Silvânia. Ela foi a melhor professora que tivemos em todos esses anos, ela era calma, amiga, brincalhona, ensinava bem o conteúdo e tinha muita experiência, amava os alunos e fazia tudo com carinho, dedicação e amor.

Durante todo ano, fizemos muitas brincadeiras, gincanas na sala e na praça, comemoramos o aniversário dela (fizemos uma festa surpresa. Ela ficou emocionada) e continuei sendo uma boa aluna, com boas notas e ótimo desempenho. Ao final do ano, foi uma imensa alegria e também uma tristeza, porque era uma despedida definitiva, pois no ano seguinte seria tudo diferente, nova escola que ficava mais longe de casa e sem praça, novos colegas. Nós sabíamos que íamos nos separar, então, na última semana fizemos nossa festa de despedida e tivemos nossa formatura do Proerd.

Também nessa escola, no dia das crianças e do estudante, passávamos todo o período de aula brincando no pula-pula, futebol de sabão, na camaelástica, comíamos cachorro quente, algodão doce e era a maior alegria. Então, esses foram os melhores anos da minha educação.

No ano seguinte, tudo muda e uma nova etapa do ensino fundamental começa. A quantidade de professores aumentou, a matemática que até então era simples ganhou letras, cálculos complicados e não conhecia ninguém na escola. O recreio transforma-se em intervalo e eu não via crianças correndo pelo pátio, não estava acostumada, isso foi um impacto muito grande para mim, mas com o passar das semanas consegui me adaptar e fazer amizades. Minha nota em matemática caiu e mesmo me esforçando tinha dificuldade, mas em português e nas outras matérias minhas notas continuaram boas.

Depois de me adaptar e fazer novas amizades começaram os trabalhos, as apresentações em grupo, a feira de ciências. Nessa época era muita novidade e cada atividade era um obstáculo, mas foi bom para o meu amadurecimento. Na sexta série, estudei com a mesma turma, mas não éramos muito unidos, cada um tinha seu grupo. Tínhamos uma professora de matemática e ela era muito rígida com os alunos, nenhum deles gostavam dela e colocavam apelidos desagradáveis. Não tive nenhuma novidade, pois eram os mesmos projetos e já tinha passado pela experiência.

A sétima e oitava séries foram as mais divertidas. Nesses anos, a turma ficou mais unida e bagunceira e todos os trabalhos feitos em grupo saiam bons. Estávamos empenhados em realizar as atividades. Tínhamos uma professora de português chamada Nelma, a melhor de todas, as explicações eram maravilhosas, conseguíamos entender perfeitamente. Ao final desses anos fizemos nossas despedidas, amigo oculto, e tivemos nossa formatura do ensino fundamental. Então, aos quatorze anos eu terminei meu ensino fundamental no Centro de Ensino Fundamental 19 de Ceilândia.

Ensino Médio

Em 2012, iniciei o esperado primeiro ano do ensino médio e estava muito ansiosa para começar. Eu e meus amigos fomos para a mesma escola, mas ficamos em turmas diferentes e mais uma vez tive que me adaptar ao ritmo da escola com mais professores e matérias como biologia, química e física. Em biologia e química consegui entender, mas em física não obtive um bom resultado.

Também iniciei as disciplinas em filosofia e sociologia, as quais tive boa nota e um bom desempenho. Foi um ano muito intenso, os trabalhos eram em dobro, os professores mais exigentes. Minha turma era o primeiro ano “L”, éramos muito unidos

e competitivos, na escola tínhamos o interclasse e competições entre as turmas. Nós fazíamos muito esforço e sempre ficávamos entre os três primeiros lugares. Fizemos a feira de ciências e nosso tema era sobre tecnologia, tiramos a maior nota do turno vespertino. Foi um ano bom, fiz novas amizades, passei sem ficar de recuperação e depois entrei de férias.

No ano seguinte, comecei a estudar pela manhã no segundo ano “C”, era uma turma totalmente diferente. As pessoas discutiam por tudo, cada um tinha seu grupo e quando o trabalho era com a turma, dificilmente chegávamos a uma conclusão. O trabalho que mais marcou foi a semana de arte moderna que funcionava da seguinte maneira: cada turma de segundo e terceiro ano tinha dois horários para apresentar sobre um autor da primeira, segunda ou terceira geração. Tinha que ter cenário, musical, figurino, declamação de suas obras, dança e o jogral com a turma toda, tinha roteiro e falas, como uma peça de teatro. O autor que minha turma apresentou foi sobre Olavo Bilac. Na apresentação eu cantei e participei do jogral. Durante o ano tivemos outros trabalhos em conjunto, fizemos uma peça e a feira de ciências. E assim foi o ano, bastante corrido com muitos trabalhos, mas produtivo.

Já no terceiro ano, eu estava acostumada com o ritmo, os professores, os trabalhos e além disso estava preocupada com o Enem e última etapa do PAS. Foi bastante corrido, tinha muito conteúdo para estudar, muito trabalho para fazer individualmente e com a turma. Além disso, a ansiedade e a pressão psicológica para conseguir uma vaga em alguma faculdade. Ao fim do ano conseguir concluir o ensino médio, fiz minha formatura e me despedir dos meus colegas. Em geral foi um ano bom, mas foi difícil, estudei muito, porém não consegui passar no Enem e nem no PAS 3.

A partir daí, começou a aumentar a pressão por parte de familiares para conseguir ingressar em algum curso, já com o ensino médio concluído teria que trabalhar ou me dedicar aos vestibulares no decorrer do ano, ou os dois. Então, em 2015, fiquei em casa, estudando para o Enem, fiz o vestibular e minha nota melhorou, mas não foi suficiente para passar. Quase ganhei uma bolsa de 100% em uma faculdade privada para o curso de pedagogia, eram três vagas e fiquei em quarto lugar. No ano seguinte, em 2016, continuei estudando e me preparando por mais seis meses para o vestibular da UNB, que aconteceu nos dias 4 e 5 de junho de 2016. Mesmo com muitas dificuldades, consegui passar para o curso que queria.

Educação Superior

No dia 8 de agosto de 2016, começaram as aulas na UnB. Minha primeira aula foi de oficina vivencial com o professor Paulo Bareicha, nesse dia os veteranos fizeram um trote, como se estivessem brigando com o professor e depois de assustar todo mundo paramos para conversarmos um pouco sobre como funcionava a universidade, falar sobre nós mesmos e depois o professor conversou sobre a matéria e deu algumas dicas.

Na primeira semana de aula, eu estava muito ansiosa para conhecer os professores de cada matéria e entender o ritmo de cada um. Também estava muito surpresa com a quantidade de matéria que eu ia ter no semestre e que os professores já tinham programado todas as aulas do semestre inteiro, era só seguir o cronograma. Mas o que me deixou mais confusa nessa primeira semana foi que em todos os cronogramas nenhum tinha prova, apenas seminário, resenha e fichamento de textos.

Fiquei desconfortável com os cronogramas, porque tinham me falado que na UnB eu iria fazer muitas provas e tinham professores muito rígidos e eu já havia me preparado psicologicamente para conseguir superar essas dificuldades. Então, com o passar das semanas e do primeiro semestre, compreendi os métodos avaliativos e tive um bom desempenho em todas as matérias.

Antes de começar o segundo semestre, participei da aula de verão, peguei somente uma matéria e tive muita dificuldade, porque não gostava da matéria e a metodologia do professor não estava facilitando a minha compreensão. Nesse período de aula parecia uma eternidade, quase tranquei a matéria, mas com muita insistência consegui terminar e passei com MM, me senti muito angustiada com essa nota, mas depois aceitei e continuei até começar o segundo semestre.

No segundo semestre, eu descobri a pedagogia e realmente me apaixonei pelo curso e sabia que naquele semestre todas as dúvidas que eu tinha em relação a minha carreira profissional foram excluídas. Essa descoberta encheu meu coração de alegria, porque eu sempre tinha ouvido que professor só trabalha em escola, tinha ouvido muitas críticas por parte de familiares que ser professor não era uma boa escolha como profissão porque trabalha muito e ganha pouco e essas palavras estavam me desanimando.

Então no decorrer do segundo semestre, na matéria de Projeto 2, descobri que o pedagogo poderia atuar no contexto hospitalar e, a partir daí, comecei a pesquisar sobre a função do professor nessa área e cada vez mais interessada, fiz o trabalho final da matéria de Projeto 2 sobre pedagogia hospitalar. Paralelamente, eu estava cursando a matéria “O Educando com necessidades educacionais especiais”, ministrado pela professora Amaralina Miranda e, ao final do semestre, ela fez o convite aos alunos para participar no semestre seguinte da matéria ministrada por ela Introdução à Classe Hospitalar. Eu fiquei muito empolgada com essa notícia e, no semestre seguinte, consegui a matrícula na matéria.

Começando o terceiro semestre, já tinha me adaptado totalmente ao ritmo da universidade, aos textos longos e às vezes cansativos, às atividades de toda semana e aos trabalhos finais. Eu estava preparada e empolgada para começar esse semestre, porque eu ia aprender muito sobre pedagogia hospitalar. Fazer essa matéria foi cansativo, porque toda semana era um texto de 15 a 20 páginas que precisava ser feito o resumo, mas ao mesmo tempo era uma alegria sem fim, porque cada texto explicava como foi o início, a atuação do pedagogo no contexto hospitalar e como eram os desafios desses professores. Todos os aspectos me interessavam cada vez mais.

Ao final do semestre fizemos uma visita ao HUB na brinquedoteca hospitalar, em que a professora Amaralina e a pedagoga que atuava no HUB mostraram como funcionava a brinquedoteca, o atendimento, as atividades desenvolvidas, o armário de Jogos, mas não era qualquer jogo, porque existe a necessidade destes serem educacionais e utilizados de maneira intencionada com as crianças. Essa ida ao HUB foi muito importante, pois foi possível entender com mais clareza muita coisa que eu havia estudado na teoria e também a percepção de como eu iria construir o meu jogo, pois esse era o trabalho final da disciplina.

Após esse momento, eu e uma colega construímos um jogo. Demos a ele o nome de “Roda-Roda da Aprendizagem”, apresentamos em sala e, na semana seguinte, fizemos uma visita ao HMIB, na classe hospitalar e tivemos a oportunidade de conversar com a pedagoga do hospital, conhecer a estrutura do hospital, que é muito linda em relação ao atendimento da pedagogia hospitalar e deixar para doação o jogo que cada grupo construiu.

Após essa disciplina, eu tive a certeza de que direcionaria todo o meu curso para a pedagogia hospitalar desde a matéria, passando pelos estágios obrigatórios até o TCC. E dessa maneira ocorreu. No quarto semestre, eu fiz Projeto 3.1 com a professora Amaralina Miranda no HUB e lá realizei atendimentos e tive a oportunidade de colocar em prática tudo o que havia aprendido no semestre anterior, nesse período tive experiências incríveis. No final do quarto semestre, por meio de processo seletivo, consegui estágio não obrigatório em um hospital localizado no Distrito Federal, no qual permaneci por 2 anos e também fiz o Projeto 4.1, quando estava no sexto semestre e agora realizo a pesquisa do meu TCC sobre a pedagogia hospitalar.

Nos demais semestres e em todas as outras matérias até o momento, tive muitos ganhos em todos os aspectos que contribuíram imensamente para minha formação universitária. Cada roda de conversa, debate em sala, apresentação de trabalho, leitura de textos e semana universitária acrescentaram de maneira inexplicável no meu amadurecimento como pessoa e como profissional. Hoje eu sou imensamente grata primeiramente a Deus e depois à Universidade de Brasília, que oferece aos seus universitários experiências jamais sonhadas, oportunidades e possibilidades de conhecimento de forma que conseguimos enxergar o mundo fora da nossa bolha, aprendemos a lidar melhor com as diversidades e, apesar de todas as dificuldades, ao final saímos mais fortes e conscientes de que fomos capazes de finalizar mais um semestre.

Também agradeço a cada professor, colega de turma que contribuíram para esse processo de evolução. Tenho muito orgulho do que me tornei, da profissão que escolhi e de cada caminho percorrido. Essas são as lembranças que tenho sobre minha educação e dos momentos que passei até chegar aqui. Tive algumas dificuldades, mas valeu a pena cada uma, pois serviu de experiência e aprendizado. Não tenho palavras para descrever como foi maravilhoso cursar pedagogia na Universidade de Brasília. Com todos os conhecimentos adquiridos vou me dedicar ao máximo para ser uma excelente profissional, cuidar e ensinar cada criança com carinho e amor.

PARTE II - MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

De acordo com Matos e Mugiatti (2007), a pedagogia hospitalar é conceituada como:

[...] aquele ramo da Pedagogia, cujo objeto de estudo, investigação e dedicação é a situação do estudante hospitalizado, a fim de que continue progredindo na aprendizagem cultural, formativa e, muito especialmente, quanto ao modo de enfrentar a sua enfermidade, com vistas ao autocuidado e à prevenção de outras possíveis alterações na sua saúde. (SIMANCAS e LORENTE *apud* MATOS e MUGIATTI, 2007, p. 79).

O pedagogo que escolher atuar na área hospitalar deve ser habilitado para trabalhar com a diversidade das crianças em diferentes contextos culturais, de forma que identifique as necessidades educacionais, fazendo adaptações curriculares em um processo de flexibilidade, desenvolvendo propostas pedagógicas e, inclusive, realizar a escuta pedagógica, que acolhe a ansiedade, cria situações coletivas de reflexão e constrói conhecimentos que contribuem para essa nova realidade das crianças e adolescentes que estão hospitalizados e em processo de escolarização.

A partir dessa perspectiva, Esteves (2008) afirma a importância do pedagogo no contexto hospitalar, pois, para que o trabalho seja desenvolvido de maneira mais adequada, o pedagogo é a chave principal para garantir esse direito e as necessidades sociais e educacionais que estão relacionados à criança e ao adolescente.

Partindo dessa perspectiva, esta monografia tem como intuito pesquisar a importância da pedagogia no contexto hospitalar, destacando as funções, os desafios e a importância do pedagogo nessa área. Para contextualizar, será realizada uma pesquisa bibliográfica de autores que dialogam sobre o assunto e pesquisa de cunho qualitativo, a qual visa construir conceitos e perspectivas de acordo com a realidade vivenciada por pedagogas que atuam em hospital localizado no Distrito Federal.

Este estudo é organizado em 4 capítulos, os quais são: Capítulo 1- Contexto Histórico da pedagogia hospitalar. Capítulo 2- Diferentes atuações do pedagogo

hospitalar: Brinquedoteca e classe hospitalar. Capítulo 3- Os principais desafios da pedagogia hospitalar. Capítulo 4- Análise das informações. Após esses capítulos, segue as considerações finais, referências e perspectivas profissionais.

Apesar de ser denominada classe, a aula no hospital pode ser realizada individualmente, em diferentes ambientes, como no leito, na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), no ambulatório, no espaço de recreação ou na sala disponibilizada pela equipe hospitalar. Esses ambientes não impedem que o docente modifique os planejamentos. Dependendo da proposta, da faixa etária e das condições dos alunos, é possível realizar atendimento de forma coletiva e interativa, de maneira que os estudantes troquem experiências entre si. Também é muito importante que cada atividade tenha começo, meio, fim e seja realizada em um dia, pois, nesse contexto, não é possível que a atividade seja dividida em etapas com dias diferentes, porque existe a possibilidade de não ser concluída.

O pedagogo também precisa lidar com a diversidade dos estudantes. Muitos destes são de outras cidades e estados e precisam fazer um longo período de tratamento. Diante desse aspecto, é favorável que o professor traga em seus planejamentos a cultura do estudante, de forma que este se sinta mais confortável em continuar em contato com os seus costumes mesmo de longe. Também é interessante que, ao realizar atividades em grupos com crianças de diferentes lugares, a docente faça a mediação dos costumes de cada estudante, de maneira que estes transmitam seus conhecimentos e adquira conhecimentos de outras culturas.

Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394 (BRASIL,1996) como as diretrizes do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 1995) afirmam que, o direito à continuação dos estudos é estendido à educação básica, ou seja, às crianças e aos adolescentes. Esse é mais um desafio enfrentado pelo pedagogo, pois sua formação é para atuar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Quando o estudante não está nessa fase de estudos, o pedagogo, da mesma forma, entra em contato com a escola e solicita as atividades. Dentro do que é possível e com a ajuda de voluntários, o pedagogo continua os processos de ensino e aprendizagem dos adolescentes.

Na revista Nova Escola, no texto escrito por Bianca Bibiano, intitulado “Ensino nas horas difíceis”, edição número 220, de março de 2009, é relatado sobre a história de um indígena Wapixana Frank Silva, que em 2007 foi diagnosticado com câncer e, para fazer o tratamento, foi necessário que ele saísse de sua cidade em Roraima para São Paulo. No Hospital do Câncer, onde realizou o tratamento, havia uma classe dentro do hospital, na qual Frank foi alfabetizado. Por meio desse atendimento, Frank conseguiu ingressar na época na 2ª série do Ensino Fundamental, atualmente 3ª ano do Ensino Fundamental.

Diante dos aspectos apresentados, tem-se a seguinte questão, como sendo o questionamento propulsor deste estudo: “Qual a função, os desafios e a importância do pedagogo no contexto hospitalar?”. Além disso, esse estudo, tem por objetivo geral, compreender a função, os desafios e a importância do pedagogo no contexto hospitalar e tem por objetivos específicos conhecer as leis e diretrizes que asseguram o ensino hospitalar, reconhecer a contribuição e os aspectos positivos do pedagogo na recuperação do estudante hospitalizado, identificar as características pertinentes para a atuação do pedagogo hospitalar, conhecer os desafios do profissional da área da educação que atua no ambiente hospitalar, compreender a necessidade da participação do pedagogo na equipe multiprofissional do hospital e compreender os diferentes tipos de planejamentos para cada área da educação no espaço hospitalar.

Os motivos pelos quais justifica a construção desta pesquisa se referem a atuação do pedagogo no contexto hospitalar como um tema desconhecido entre muitos, com poucas pesquisas e pessoas interessadas no assunto. Dessa forma, como previsto por lei e como um direito de continuação aos estudos para crianças e adolescentes, é de extrema importância que sejam ampliadas e atualizadas as pesquisas sobre a pedagogia hospitalar e as funções do pedagogo em diferentes âmbitos do hospital, pois além de impedir o atraso escolar do aluno, a classe hospitalar também poderá ajudar na recuperação, tendo em vista a possibilidade de ocupação com questões não atreladas ao tratamento, as quais poderão contribuir para que as crianças e adolescentes esqueçam por algum momento que estão condicionadas a uma doença.

Em um estudo conduzido pela professora Izabel Cristina Silva Moura (2008), do Instituto Helena Antipoff, vinculado à Secretaria Municipal de Educação do Rio de

Janeiro, foram observadas 50 crianças por um mês em três hospitais diferentes da cidade. Nessa pesquisa, a professora observou que as crianças que não tinham esse atendimento passavam por estresses maiores do que as que possuíam o atendimento à classe hospitalar.

Em outros casos, há relatos informais de professoras que trabalhavam no Hospital do Câncer, em São Paulo. Esses relatos aconteceram em 2000, quando a prefeitura de São Paulo deu férias para todas as pedagogas do hospital. Nesse período de férias, não houve atendimento para as crianças hospitalizadas e foi relatado pelos médicos para as professoras que houve um aumento em dobro do uso de analgésico.

Nessa perspectiva, no texto “Classe hospitalar: Encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar”, o autor Ricardo Burg Ceccim (1999) ressalta que o papel do professor não é somente dar entretenimento aos alunos enquanto estão hospitalizados, mas sim construir com eles a aprendizagem cognitiva e permitir aquisições escolares das crianças. Para o autor, além da dimensão psicológica e biológica das crianças, enfatiza-se a dimensão vivencial, em que fala da expectativa de cura, qualidade de vida afetiva, sobrevivência e do retorno à rotina anterior juntamente com amigos e família.

Dessa forma, o atendimento pedagógico hospitalar interfere na dimensão vivencial, pois restaura a saúde, valoriza a afetividade e a construção de uma inteligência de si, mesmo estando em um período de tratamento médico hospitalar. E também, pode ajudar o aluno a continuar seu desenvolvimento, contribuindo para o retorno escolar após ter alta e proteger o sucesso na aprendizagem. A partir dessas questões, é notável a importância de pesquisas que contribuam para a educação no contexto hospitalar.

Desde o primeiro semestre do curso de Graduação em Pedagogia, quando foram apresentadas as possibilidades de atuação do pedagogo, eu decidi direcionar meus estudos para a pedagogia hospitalar. Cursei a disciplina “Introdução à Classe Hospitalar”, com a professora Amaralina Miranda, em 2017, e dois projetos, o 3.1¹,

¹ Projeto 3.1 e 3.2: é uma possibilidade de vivenciar áreas de conhecimento e pesquisa no âmbito da Pedagogia. O projeto 3 comporta três etapas e pode assumir o formato de pesquisa, extensão ou atuação no mundo do trabalho educativo.

em 2018 e o 4.1², em 2019, em hospitais localizados no Distrito Federal. Concomitante com os projetos, durante 2 anos, realizei estágio remunerado em um hospital específico que atende a crianças e adolescentes, localizado no Distrito Federal. Nesse hospital, não há classe hospitalar oficialmente ainda, mas há atendimento pedagógico individualizado ou em grupo. Nesse período, pude adquirir experiências com atendimento pedagógico na classe hospitalar como também na brinquedoteca do Hospital³.

Além de elaborar planejamentos de aula, desenvolvi atividades com as crianças de forma individual e coletiva. Devido a todo esse percurso e interesse nessa área, aprofundei sobre essa temática, na qual percebo que pouco é pesquisado sobre esses aspectos, os quais são importantes e poderão contribuir para a educação no contexto hospitalar. Por esses motivos, tenho o desejo de contribuir com esta pesquisa, tanto para educação, como para a saúde.

A abordagem de pesquisa que será realizada é a pesquisa bibliográfica e como instrumento de pesquisa será utilizado um formulário on-line, preenchido por profissionais que atuam no contexto da pedagogia hospitalar. Esta, visa realizar um processo de construção de conceitos, por meio das perspectivas de cada colaboradora da pesquisa. Este estudo será realizado no contexto do Distrito Federal, sendo assim, o seguimento do conteúdo curricular é a partir do Currículo em Movimento do Distrito Federal, o qual é um documento específico da Secretaria de Educação do Distrito Federal que faz um direcionamento curricular para as modalidades de ensino.

O seguimento curricular também pode ser aplicado a partir das orientações fornecidas pela professora da escola que o estudante frequenta ou, ainda, por uma sondagem inicial, na qual o pedagogo hospitalar verifica os conhecimentos que o estudante possui e parte dessa perspectiva. Além das funções e desafios citados de forma breve anteriormente, os quais são encontrados por esses profissionais da educação que atuam no ambiente hospitalar é pertinente destacar, por meio de autores que refletem sobre esses desafios, dialogando assim com os depoimentos das pedagogas participantes.

² Projeto 4.1: é a constituição da identidade do professor por meio da sua imersão nas práticas educativas em que o estudante deverá envolver-se progressivamente com a docência, assumindo, na medida do possível, uma parceria com o professor (a) até assumir plenamente a docência.

³ A função do pedagogo no contexto da Classe Hospitalar e brinquedoteca, serão explicadas posteriormente no capítulo 2, no tópico 2.1 – Função e importância do Pedagogo Hospitalar.

A pesquisa será realizada em um hospital do Distrito Federal, o qual oferta atendimento pedagógico e atendimento em brinquedoteca, mas não possui ainda uma classe hospitalar. Para participar como sujeito desta pesquisa, serão convidadas a estagiária de pedagogia, a pedagoga e a psicopedagoga que atuam no contexto hospitalar. O instrumento utilizado será um formulário on-line preenchido por estas convidadas com questões relacionadas à atuação do pedagogo hospitalar. O formulário on-line tem como objetivo coletar o depoimento das convidadas e o relacionar com as discussões propostas por teóricos que refletem sobre o tema.

CAPÍTULO 1: CONTEXTO HISTÓRICO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

Este capítulo pretende apresentar o histórico da pedagogia hospitalar e as leis que asseguram o ensino hospitalar. Discutir esses aspectos é relevante, porque contextualiza a pedagogia hospitalar, de forma a apresentar o surgimento desta no mundo, no Brasil e no Distrito Federal. Dessa forma, é importante destacar que esse capítulo deverá proporcionar a compreensão das leis, as mudanças e evoluções que ocorreram e os motivos pelos quais surgiu a pedagogia hospitalar, tornando este o principal motivo da escrita deste capítulo.

1.1 Breve histórico da pedagogia hospitalar

De acordo com Esteves (2008), o atendimento pedagógico hospitalar surgiu no século XX, na França, após a Segunda Guerra Mundial, onde muitas crianças e adolescentes em idade escolar foram mutiladas e feridas. Devido a esse contexto, em 1935, surge a classe hospitalar, criada por Henri Sellier, com o objetivo de amenizar as consequências da guerra e com o intuito de proporcionar às crianças a continuação dos estudos no período que estivessem internadas no hospital.

Esse exemplo se espalhou por toda a França e foi seguido por outros países, como Estados Unidos, Alemanha e outros países do continente Europeu, para o tratamento de crianças com tuberculose. A autora Esteves (2008) também afirma que, na França, em 1939, foi criado o Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptadas (CNEFEI), que tem por objetivo formar professores para trabalhar em institutos especializados e em hospitais. O curso tem duração de 2 anos e até hoje existe esse instituto na França.

No Brasil, o atendimento pedagógico hospitalar começou em 1950, no Hospital Municipal Jesus, localizado no Rio de Janeiro. Nesse período, o hospital possuía cerca de 200 leitos e uma média de 80 crianças hospitalizadas, e a primeira professora da classe se chamava Lecy Rittmeyer. As aulas eram feitas de forma individual na enfermaria, porque ainda no hospital não havia estrutura e instalações adequadas para o atendimento, como afirma Oliveira (2013).

De acordo com o site do Centro Universitário Univeritas, um levantamento feito em 2015 afirma que o Brasil possui cerca de 155 classes hospitalares. A maioria

dessas estão localizadas na região Sudeste. Fazendo essa divisão especificamente. Na Região Norte existem 10 classes hospitalares, sendo Tocantins (1), Pará (5), Acre (3) e Roraima (1). Na Região Nordeste existem 27 classes hospitalares, sendo Maranhão (1), Bahia (14), Rio Grande do Norte (6), Sergipe (2), Ceará (3) e Pernambuco (1). Na Região Centro-Oeste existem 25 classes hospitalares, sendo Mato Grosso (3), Distrito Federal (11), Mato Grosso do Sul (6) e Goiás (5). Na região Sudeste existem 63 classes hospitalares, sendo São Paulo (35), Rio de Janeiro (17) e Minas Gerais (10). E na Região Sul existem 29 classes hospitalares, sendo Paraná (16), Santa Catarina (9) e Rio Grande do Sul (4).

No Distrito Federal, o atendimento à classe hospitalar teve início no ano de 1964, por meio da iniciativa do Dr. Oscar Morem, que, na época, ocupava o cargo de chefe da Pediatria do Hospital de Base de Brasília. O Dr. Oscar Morem acreditou na importância do atendimento pedagógico ofertado para crianças hospitalizadas, a partir da experiência que teve nos Estados Unidos e, assim, trouxe para o Distrito Federal essa perspectiva.

Atualmente, o Distrito Federal possui 11 hospitais públicos que ofertam atendimento pedagógico para crianças e adolescentes hospitalizadas. Esses são: HMIB – Hospital Materno Infantil, HRAN – Hospital Regional da Asa Norte, HRT – Hospital Regional de Taguatinga, HRC – Hospital Regional de Ceilândia, HRG – Hospital Regional do Gama, HRS – Hospital Regional de Sobradinho, HRP – Hospital Regional de Planaltina, HRBz – Hospital Regional de Brazlândia, HRPa – Hospital Regional do Paranoá, HRSa – Hospital Regional de Samambaia, Hospital da Criança de Brasília José Alencar.

1.2 Leis que asseguram o ensino hospitalar

Em 1959, foi publicada a Declaração Universal dos Direitos da Criança, pelas Nações Unidas (ONU), a qual iniciou o argumento de que as crianças e os adolescentes possuem direitos e são agentes do processo social e histórico em que estão inseridos. No entanto, somente na década de 1990, a perspectiva começa a mudar, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, BRASIL, 1990) e a Lei dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes Hospitalizados (BRASIL, 1995). A referida Lei foi elaborada pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda). De acordo com a

Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995, no item 9, cita que é direito da criança e do adolescente hospitalizado usufruir de alguma recreação, acompanhamento do currículo escolar e programas de educação durante a internação.

Dessa forma, começou a ser ampliada e reafirmada a necessidade do acompanhamento educacional durante a internação da criança e do adolescente e, definitivamente em 1994, a classe hospitalar foi reconhecida pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), a qual estabeleceu o compromisso com a aplicação do direito das crianças e adolescentes hospitalizados à educação, por meio das Políticas de Educação Especial, que oficializou essa especificidade de atendimento.

Também a Lei nº. 1044/69 considera que os alunos de qualquer nível de ensino que possuem afecções congênitas ou adquiridas, infecções, traumatismo ou outras condições mórbidas, determinando distúrbios agudos ou agudizados, entre outros, têm direito à compensação das aulas perdidas, exercícios domiciliares e acompanhamento escolar de acordo com suas condições.

Em 2001, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial no Brasil (BRASIL, 2001) e, em 2002, o documento Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar (BRASIL, 2002), apresentaram meios de orientações e estratégias para a realização do atendimento pedagógico domiciliar e hospitalar.

Oliveira (2013) expõe, em seu texto, as leis que regem a Pedagogia Hospitalar, desde a Constituição Federal de 1988, a qual no Título VIII, Capítulo III, Art. 205 aborda a educação como um dever do estado e direito de todos, até a Lei 13.716, de 24 de setembro de 2018, a qual altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 1996, e assegura atendimento educacional ao aluno da educação básica que esteja hospitalizado ou em condições de tratamento domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa.

Nesse caminho de 1988 até 2018, em 1995 é publicado no Diário Oficial da União a Resolução nº 4, de 13 de outubro de 1995, que trata dos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizado, a qual retrata direitos como recreação, acompanhamento do currículo escolar e programas de educação para a saúde. E, por último, em 2001, o Conselho Nacional de Educação, no artigo 13 da Resolução nº 2,

tratou da obrigatoriedade da classe hospitalar e o sistema de ensino e de saúde devem se organizar para fazerem esse atendimento.

Portanto, na evolução da construção das leis e no reconhecimento oferecido a pedagogia hospitalar nas legislações, é perceptível o quanto estas foram importantes para que o ensino hospitalar chegasse ao nível de hoje, porém há muito o que elaborar, realizar e fiscalizar, pois, ainda existem hospitais que não ofertam classe hospitalar e nenhum tipo de atendimento relacionado a área da educação, nesse contexto, automaticamente a lei não está sendo cumprida e assim crianças e adolescentes têm o direito a educação negado.

CAPÍTULO 2: DIFERENTES ATUAÇÕES DO PEDAGOGO HOSPITALAR: BRINQUEDOTECA E CLASSE HOSPITALAR

Este capítulo pretende apresentar a função e a importância do pedagogo hospitalar, as características pertinentes para a atuação do pedagogo no âmbito hospitalar e as diferenças entre os planejamentos para o atendimento na brinquedoteca e na classe hospitalar. Esses temas são relevantes, porque o atendimento nas brinquedotecas e nas classes hospitalares deve ocorrer como proposta pedagógica para os estudantes hospitalizados. Dessa forma, necessariamente, é competência atribuída ao pedagogo realizar tais atividades, justificando assim, a sua importância.

Além disso é necessário detalhar a função que este profissional da educação exerce na área da saúde para que possa fazer sentido ao leitor e aos demais interessados a relevância de sua presença nesse contexto. Também é importante ressaltar os diferentes tipos de planejamentos que o pedagogo pode aplicar no hospital, para evidenciar as possibilidades de atribuições que competem ao pedagogo no âmbito hospitalar. E, por último, mas não menos importante o pedagogo, ou estudante de pedagogia que fizer a leitura deste estudo, consiga compreender que, para atuar no contexto hospitalar, além de conhecimentos sobre a área, é necessário ter amor, seriedade, comprometimento, disciplina, resiliência com os estudantes e transmitir a eles alegria, confiança, novas perspectivas, aprendizagens e momentos de descontração, que permitam enfrentar os momentos no hospital com mais leveza.

2.1 Função e importância do pedagogo hospitalar

Para atuar no contexto hospitalar é necessário o pedagogo ter uma formação específica e continuada, as quais irão auxiliar no desenvolvimento das funções e atividades que competem ao pedagogo. Dessa forma, Silva e Andrade (2013, p.84) afirmam que:

A formação do pedagogo que atua no hospital precisa contemplar as noções básicas de saúde e dos procedimentos médicos, conhecer as patologias e os cuidados de prevenção, para que possa transitar no ambiente hospitalar e desenvolver práticas educativas de forma segura, tanto para ele como para a criança hospitalizada.

A função mais importante do pedagogo hospitalar é desenvolver para o estudante uma proposta de atendimento pedagógico de forma lúdica, a hospitalização como um campo de conhecimento a ser explorado, de forma que o estudante deve

conhecer e desmistificar o ambiente hospitalar em que se encontra, ressignificando suas práticas e rotinas. Essa primeira ação, fará com que o medo e a resistência deem lugar a intimidade com o espaço e a confiança aos que atuam nesse contexto.

Após esse momento de recepção, ganhar a confiança do estudante e esse compreender sua atual situação e se familiarizar com o ambiente (momento que pode durar dias e que o pedagogo precisa compreender e ser paciente), o pedagogo deve dar continuidade no auxílio ao desenvolvimento cognitivo de estudantes (que por motivos de saúde não podem frequentar regularmente a escola) a partir do atendimento pedagógico, no qual acontece através da ludicidade e por meio do seguimento curricular. A definição de como acontecerá o planejamento para o atendimento⁴ irá depender do tempo em que o estudante permanecer no hospital e da estrutura que este oferece aos pacientes pediátricos e recursos ao professor.

Portanto, o atendimento pode ser dividido em três aspectos: o primeiro é a brinquedoteca ambulatorial. A brinquedoteca ambulatorial é um espaço do hospital destinado às crianças e aos adolescentes que o frequentam por um curto período de tempo, ou seja, enquanto espera a consulta, a realização de exame, após o fim do atendimento. Esse período ocorre entre no máximo um dia e no mínimo uma hora. O segundo é brinquedoteca na área da internação. A brinquedoteca na área da internação: é o espaço destinado às crianças e aos adolescentes que permanecem internados por poucos dias, por exemplo, de 3 a 5 dias. E o terceiro aspecto é a classe hospitalar. A classe hospitalar: é o ambiente destinado as crianças e aos adolescentes que permanecem internados por um longo período e não podem frequentar a escola, dessa forma, a continuação dos estudos é concretizada no ambiente hospitalar.

Na brinquedoteca ambulatorial e na área da internação, o planejamento é aplicado baseado em ludicidade, com jogos e brincadeiras direcionadas para todas as idades, contação de história e atividades que ajudam no desenvolvimento cognitivo, mas que não são especificamente direcionadas a um seguimento curricular formal escolar, pois nesse momento o estudante permanece por um curto período de horas ou dias no hospital e assim não existe tempo hábil para o pedagogo adentrar em conteúdos formais escolares e em contato com a escola de origem e professora regente. Nesse contexto, o pedagogo tem a função de fazer planejamentos de

⁴ Neste mesmo capítulo, tópico 2.3 será explicado com mais detalhes as diferenças entre os planejamentos para o atendimento na brinquedoteca ambulatorial, brinquedoteca na área da internação e a classe hospitalar

atividades livres que abrangem todas as idades, organizar os brinquedos e o espaço, observar o check list da higienização, observar os brinquedos, jogos, livros danificados e os repor (se possível) e elaborar projetos pedagógicos para a brinquedoteca.

A primeira função do pedagogo no atendimento à classe hospitalar é verificar na lista da internação, fornecida por enfermeiros ou no sistema, quantos estudantes estão internados (essa quantidade pode variar todos os dias), o nome e a idade destes. É de extrema importância o pedagogo ter todos os dias o controle dessa lista, porque é por meio dela que observa a quantidade de estudantes que estão presentes no dia e como demandará o tempo de atendimento de cada um, pois todas as crianças e adolescentes que estão internados devem ser atendidos, seja no atendimento na brinquedoteca ou na classe hospitalar.

Essa lista também é importante para o pedagogo verificar se o estudante recebeu alta e colocar um *check* em frente ao nome dos estudantes que receberam atendimento ou não se sentiram confortáveis para receber este e assim otimizar o tempo. Mesmo com todas as precauções para que todos recebam o atendimento pedagógico, existe a possibilidade de não ser realizado, pois, quando o aluno não deseja ou não está em condições favoráveis de saúde para qualquer atividade, é importante que seja respeitada a vontade do estudante. Em nenhuma hipótese o atendimento deve ser forçado à criança ou adolescente, tanto por parte dos responsáveis quanto por parte do pedagogo. Todo processo de aprendizagem deve ser leve, divertido e sem imposições. Outra possibilidade de não ser realizado é quando o estudante recebe alta ou vem a óbito.

Feito isso, o pedagogo passará de leito em leito, comunicando que está presente e que em breve começarão os atendimentos. Além de comunicar a presença do pedagogo, as visitas aos leitos têm como objetivo verificar as condições de cada estudante, saber como eles se sentem naquele dia, conversar com os pais de uma forma leve e descontraída na medida do possível, perceber se os planejamentos elaborados desse dia para cada estudante precisarão serem modificados e assim realizar uma sondagem inicial do dia.

As visitas aos leitos também têm como objetivo, conhecer os estudantes que foram internados fora do horário de expediente do pedagogo. Nesse contexto, o docente tem como função realizar um contato inicial, em que se apresenta como responsável pela parte pedagógica, se informa com mais detalhes com o responsável do estudante e com este sobre suas preferências de jogos e brincadeiras, nome,

idade, escola que frequenta, série/ano, previsão de quantos dias permanecerá hospitalizado e principalmente busca informações para desenvolver uma proposta de atendimento pedagógico em que o estudante familiarize-se com o ambiente hospitalar e tenha confiança e intimidade com o espaço. Nesse contexto, Santos (2012, p. 23) relata sobre a importância de o pedagogo hospitalar estar em contato com a família do estudante:

Em contato com a família, o pedagogo consegue se aproximar do que era a vida escolar da criança antes da mesma ir para o hospital, ele consegue se aproximar também de como era a vida dessa criança em sua totalidade antes da internação. Então, o profissional da educação, tem a possibilidade de auxiliar a família referente ao momento difícil pelo qual estão passando, para que essa possa proporcionar à criança segurança na nova etapa da vida que ela está enfrentando. Também pode tranquilizar os familiares ao trabalhar questões educacionais com a criança internada, mostrando assim que mesmo a criança passando por problemas de saúde, ela tem condições de continuar suas atividades escolares, sem interromper esse o ciclo de aprendizagem que é de extrema importância na vida de todos.

Após esse processo de contato com a família do estudante e o processo de reconhecimento do espaço, o pedagogo hospitalar entrará em contato com a escola de origem deste e se informará com a professora regente quais são os conteúdos atuais e as atividades que podem ser enviadas por e-mail. Após esse processo o pedagogo hospitalar elaborará o planejamento do dia para o estudante que foi internado recentemente.

Ao fim de cada atendimento dos estudantes hospitalizados, também é função do pedagogo fazer um relatório em que deve conter a explicação sobre as atividades que foram propostas, os objetivos que devem ser alcançados destas, os recursos utilizados, os avanços alcançados entre uma atividade e outra e se o estudante conseguiu ter um bom desempenho ao realizar a atividade. Caso o estudante não consiga realizar, devem ser expostos no relatório os motivos.

Esse relatório é um documento que precisa ser anexado ao prontuário do estudante e enviado à escola de origem para que a professora regente possa ter acesso aos conteúdos apresentados ao estudante, em que nível está o desenvolvimento e como poderá dar continuidade de acordo com a necessidade do estudante, quando este retornar à escola.

Antes de chegar ao fim do expediente, o pedagogo também tem como função passar nos leitos novamente e perguntar se o aluno deseja pegar emprestado da

brinquedoteca algum livro, jogo, objetos como Lego, lápis de cor, desenhos para colorir e outras opções que estiverem disponíveis. Antes e após os empréstimos, devem ser feitas anotações de quem utilizou, para ter melhor controle dos empréstimos. Sendo assim, os empréstimos devem ser recolhidos no outro dia, na primeira visita do pedagogo aos leitos e disponibilizados para higienização, que deve ser feita pela manhã, antes do início dos atendimentos.

Após citar as principais funções do pedagogo durante os atendimentos pedagógicos, é pertinente ressaltar a importância que este tem durante e após o período de hospitalização do estudante. Durante a internação, a criança ou adolescente estão se adaptando à nova rotina e permanecem muito tempo no ócio, entediados e com poucas opções de atividades. Portanto, o pedagogo tem habilidades e conhecimentos necessários para desenvolver atividades coerentes e com objetivos específicos para cada estudante. O pedagogo consegue perceber as dificuldades relacionadas ao desenvolvimento cognitivo e trabalha para que estas sejam amenizadas e assim, quando o estudante voltar à rotina escolar normal, não obtenha tamanhos prejuízos dos quais poderia ter. Como cita Silva e Farago (2014, p. 167):

Partindo-se da hipótese de que a presença e atuação de um pedagogo no ambiente hospitalar são de extrema importância às crianças e adolescentes em fase escolarização, como forma de dar continuidade ao seu aprendizado, garantindo-lhes seu direito a educação e possibilitando instantes lúdicos, de descontração, bem estar, interatividade e de compartilhamento e aquisição de novos conhecimentos, de modo a preencher seu tempo ocioso de forma sadia, através de atividades variadas, fazendo com que se „desliguem“ temporariamente, do momento tão difícil que estão atravessando.

Partindo da perspectiva de Silva e Farago, além de ser direito do estudante que cursa a educação básica dar continuidade aos seus estudos, também existe a possibilidade de este nunca ter frequentado a escola devido ao estado clínico contínuo que o impede de ter experiências escolares. Sendo assim, a presença do pedagogo pode trazer parte dessas experiências e proporcionar momentos de descontração, bem-estar, socialização, interação, o aprender de novos conhecimentos e culturas preenchendo assim o tempo ócio, pois a atenção do aluno não fica restrita ao ambiente hospitalar.

Esses momentos refletem na melhor recuperação do estudante, porque esse retoma a segurança de si, percebe que mesmo em um ambiente hospitalar continua aprendendo, aumenta a autoestima auxilia na evolução positiva da saúde emocional

e psicológica, evita a reprovação durante o período de internação e a evasão escolar após o período da hospitalização, pois como afirma Viegas e Cunha (2008, p. 102) a educação no contexto hospitalar:

[..]favorece um estado de espírito mais saudável, diminuindo o temor desses pacientes pela internação hospitalar, contribuindo na cura e melhor qualidade de vida, impedindo que o desenvolvimento das crianças seja interrompido e reduzindo o tempo de internação”.

Dessa forma, a importância do pedagogo no contexto hospitalar está atrelada a vários aspectos que envolvem tanto na qualidade do desenvolvimento intelectual e cognitivo como na recuperação do estudante hospitalizado e principalmente a continuação da sua rotina escolar após o período de internação, na qual terá menos obstáculos tanto para o estudante, como para a professora regente da escola de origem, a quem terá acesso aos conteúdos que foram desenvolvidos com o estudante durante o período de hospitalização e poderá continuar o desenvolvimento desses da melhor maneira, sem maiores prejuízos.

2.2 Características pertinentes para a atuação do pedagogo no âmbito hospitalar

O que será escrito a partir deste momento, não é uma função propriamente dita, mas características que são de extrema importância para um pedagogo hospitalar internalizar e praticar. Todos os dias, crianças e adolescentes passam por momentos difíceis durante a internação, pois estão frágeis, aflitos, longe da família, amigos e sua rotina habitual. Então, o momento do atendimento pedagógico, por muitos é aguardado ansiosamente, pois é a hora em que ocupam suas mentes com atividades diferentes, riem, se sentem mais seguros de si e percebem que, mesmo em período de diversidades, continuam aprendendo, desenvolvendo e brincando.

É interessante que o pedagogo chegue ao hospital sorridente, com bom humor, roupas coloridas ou de personagens infantis, faça a visita aos leitos animando os estudantes, dizendo que preparou atividades, jogos e brincadeiras bem legais, especificamente para eles e que os estão esperando para um momento divertido. Da forma que for possível, incentivar (os que podem) os estudantes a saírem do leito, preparar um planejamento para os que têm a mesma faixa etária possam interagir, conhecer novos colegas, realizar todo esse processo de um modo leve e conversar sobre assuntos que os estudantes gostem.

De nenhuma forma o pedagogo hospitalar pode se comunicar com seus alunos de um modo sério, carrancudo, mal-humorado ou grosseiro. Sempre deve estar levando alegria, sorrisos, conversas divertidas, planejamentos divertidos com diversas metodologias e flexíveis, para melhor atender aos estudantes e os cativar, dessa forma, facilitando o desenvolver da sua função. Mesmo após esse período de sorrisos, tentativas de conversas no decorrer dos dias e o estudante permanecer tímido, sem vontade de realizar as atividades propostas e de maneira nenhuma interagir, é importante compreender e respeitar o momento, pois de acordo com Verdi (2010) o pedagogo deve “[...] estar aberto às oscilações de humor do paciente; ser disponível, espontâneo e relaxado”.

Outro aspecto relevante que precisa estar presente na prática do pedagogo hospitalar é a escuta pedagógica e a escuta sensível. Esclarecendo esses conceitos, a escuta sensível é o reconhecimento e a aceitação incondicional de outra pessoa, em que o ouvinte, nesse caso é o pedagogo, não faz julgamentos e comparações, mas compreende o que é dito ou feito, ou seja, a escuta sensível baseia-se na empatia, de forma que sente a afetividade, a imaginação e o cognitivo de outra pessoa, para assim compreender suas atitudes, comportamentos, ideias e valores. Nessa perspectiva precisa haver momentos de diálogo entre o pedagogo, o estudante e seu responsável em que o escutar perpassa o diálogo sem intencionalidade e valoriza a cultura, as ideias, os conceitos e os valores do estudante.

Já a escuta pedagógica é a possibilidade do pedagogo enxergar o outro em sua totalidade, para assim, delinear estratégias que enfatizam o acolhimento, a humanização e que não priva os estudantes de ter um convívio social com outros estudantes da mesma idade, adquirir experiências e aprendizagens, ou seja, a experiência de estar em um contexto hospitalar se torna positiva em alguns aspectos, pois não há interrupção dos laços interativos entre si e o mundo, o que promove a saúde, o resgate a vida, o desejo de aprender e conseqüentemente o desejo de viver.

2.3. As diferenças entre os planejamentos para o atendimento na brinquedoteca ambulatorial, brinquedoteca na área da internação e na classe hospitalar

O atendimento na brinquedoteca é ofertado para uma criança ou adolescente que está à espera de uma consulta médica, na área ambulatorial. Especificamente para os estudantes que irão permanecer no hospital por poucos dias, por exemplo, três dias, o atendimento é realizado na brinquedoteca na área da internação. Nesses casos, não há tempo hábil para o pedagogo entrar em contato com a escola e dar continuidade ao seguimento curricular escolar. Dessa forma, é recomendável que o estudante tenha um atendimento pedagógico com um planejamento de atividades livres, a partir do seu interesse, ou seja, o docente realizará uma conversa informal e descontraída com o estudante, por conseguinte elaborará o planejamento e efetuará a mediação das atividades de acordo com as preferências deste, quando permanecer poucos dias hospitalizado.

Em relação ao planejamento do atendimento na brinquedoteca ambulatorial, local em que os estudantes frequentam enquanto esperam a consulta médica, o planejamento é a partir de atividades livres que devem abranger todas as idades ou também pode ser um planejamento separado por idades, por exemplo, de 04 a 06 anos, outro planejamento de 07 a 08 anos e assim por diante até completar a faixa de 17/18 anos. O planejamento não precisa ser todo dia diferente, este pode ser elaborado para ser aplicado no decorrer de uma ou duas semanas, ou até em um período maior de tempo, dependendo da proposta do Pedagogo, pois todos os dias crianças diferentes frequentam a brinquedoteca, ou seja, o mesmo planejamento será aplicado em vários dias com estudantes distintos. Além do planejamento, para as crianças que frequentam a brinquedoteca ambulatorial, acontecem ações sociais realizada por voluntários, como aulas de ballet no Hall Central, apresentações musicais, artísticas no geral e atrações culturais as quais são programadas para acontecerem todo mês, com data e hora específica.

Na brinquedoteca na área da internação, o planejamento possui características tanto da brinquedoteca ambulatorial, como da classe hospitalar, porque, além de ser um atendimento voltado ao lúdico, com jogos e brincadeiras a partir dos gostos do estudante, este é realizado na área da internação de forma individual ou também em grupo de 3, ou 4 estudantes.

Nesses planejamentos podem conter contação de história, desenhos para colorir ou folhas em branco para desenhar utilizando lápis de cor, tinta guache, uma variedade de jogos e livros recomendados para estudantes de todas as idades (caso seja apenas um planejamento abrangendo toda faixa etária) e brinquedos que desenvolvem o faz de conta como carrinhos, bonecas, comidinhas, bonecos, caminhões.

É importante ressaltar que o planejamento tanto do atendimento nas brinquedotecas, quanto da classe hospitalar, mesmo com atividades relacionadas a brincadeiras, jogos e propostas lúdicas, todos estes devem ser elaborados antecipadamente com intencionalidade, objetivos a serem cumpridos e de alguma forma contribuir para o desenvolvimento cognitivo e intelectual, pois de acordo com Fontana e Salamunes (2010, p. 58):

Os profissionais de educação que atuam na área de Escolarização Hospitalar são responsáveis por fazer o possível para que os alunos/pacientes possam, na medida de sua disposição física, adquirir domínio de conceitos científicos, informações e habilidades necessárias à sua inserção social, estabelecendo relações entre os conteúdos escolares e sua realidade, compreendendo seus direitos e deveres na convivência democrática.

O segundo aspecto a ser explorado é a classe hospitalar, que apesar de ser denominada por esse nome, não necessariamente acontece em classe. O local para acontecer esse atendimento é de acordo com a vontade ou condições de saúde do estudante internado, ou seja, pode ser no leito ou em uma sala específica para esse atendimento, que como citado anteriormente deve ser um lugar leve e acolhedor, com decorações alegres, de fácil higienização e com materiais escolares diversificados para que o pedagogo tenha a possibilidade de aplicar diversas metodologias, de acordo com a necessidade de cada estudante, pois como afirma Pereira (2014, p. 6):

O ambiente hospitalar onde é feito o atendimento as crianças e adolescentes deve ser diferenciado, acolhedor, com brinquedos e jogos, com estimulações visuais, um ambiente alegre e aconchegante. Assim através de brincadeiras, as crianças e os adolescentes internados encontraram uma maneira mais positiva e criativa para viver a situação de doença, diminuindo o comprometimento mental, emocional e físico dos enfermos. No entanto, é imprescindível que haja um planejamento juntamente com a escola de origem dessas crianças para que seja dada a continuidade do trabalho escolar e as crianças possam ser reintegradas à escola assim que obtenham alta do hospital.

O atendimento à classe hospitalar acontece para crianças e adolescentes que estão cursando a Educação Básica, tanto em escola pública como em escola privada e permanecem internadas por um longo período, por exemplo mais que uma semana. Dessa forma, o planejamento pode ser elaborado a partir de jogos, brincadeiras, livros e atividades de forma mais específica, ou seja, para cada estudante internado é relevante elaborar um planejamento de acordo com seus interesses, necessidades e seu nível de conhecimento e realidade educacional a partir dos conteúdos que estão sendo desenvolvidos na escola de origem, BNCC, ou currículo em movimento (documento seguido no Distrito Federal). Contudo, pode haver a possibilidade de aplicar o planejamento para um grupo de crianças da mesma faixa etária ou série/ano, pois além dos conteúdos a socialização é crucial tanto para a continuação do desenvolvimento quanto para a recuperação.

Apesar de serem conteúdos de acordo com o seguimento curricular formal é importante que estes sejam desenvolvidos também de acordo com jogos, brincadeiras e atividades lúdicas, pois devido ao momento da sensibilidade emocional do estudante não é recomendável que as atividades sejam aplicadas de maneira maçante, tradicional, sem metodologias criativas, apenas com folhas para colorir, escrever, rascunhos para fazer contas e entre outros métodos que são aplicados tradicionalmente na escola de origem, ou seja, é necessário que a metodologia seja diversificada e criativa. Nesse contexto Mitre (2003, p.148) afirma:

Dessa forma, o brincar surge como uma possibilidade de modificar o cotidiano da internação, pois produz uma realidade própria e singular. Através de um movimento pendular entre o mundo real e o mundo imaginário, a criança transpõe as barreiras do adoecimento e os limites de tempo e espaço.

Sendo assim, a criatividade, a diversidade de atividades e dinâmicas são indispensáveis para a construção do planejamento, pois além de proporcionar um momento diferente da rotina habitual que existe no hospital em que o estudante tem a necessidade de realizar, esse tem a satisfação em participar desse momento e conseqüentemente adquire novos conhecimentos e continua desenvolvendo seu cognitivo de uma forma mais leve e descontraída, o que torna a aprendizagem mais significativa. Também é importante ressaltar, que na construção dos planejamentos o pedagogo precisa ter consciência que as crianças, os adolescentes e seus familiares ao serem internados trazem consigo uma história de vida, conhecimentos prévios de

sociedade, convivência, saúde, doença, valores, ideias e que estes precisam ser valorizados, compreendidos e representados nos planejamentos

CAPÍTULO 3: OS PRINCIPAIS DESAFIOS DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

Este capítulo pretende apresentar os principais desafios na pedagogia hospitalar. O objetivo é identificar as dificuldades que o pedagogo hospitalar enfrenta e discutir como podem interferir na qualidade do seu trabalho, podendo a vir a prejudicar também os estudantes. Porém, além dos desafios, neste capítulo pretendem-se apontar soluções possíveis para que estes sejam superados e, assim, o pedagogo possa ter melhores condições de executar o seu trabalho com excelência. Além disso, apresento, neste capítulo, o Pedagogo como parte da equipe multiprofissional do hospital e a relevância da integração do pedagogo com a equipe multiprofissional. Para discutir esse aspecto, serão citados conceitos de autores que dialogam sobre esse assunto.

É importante que, ao ler este estudo, sejam compreendidos os diversos problemas que o pedagogo enfrenta e, caso seja um profissional da saúde, este compreenda e reconheça a capacidade e importância da presença do pedagogo no contexto hospitalar, e como é o seu trabalho e as contribuições que o pedagogo pode trazer para o estudante hospitalizado.

3.1 Desafios encontrados por professores que atuam na área hospitalar

Diversos são os desafios encontrados por pedagogos, no contexto hospitalar tanto na flexibilidade dos planejamentos como também na parte de estrutura física e a relação de sofrimento quando um estudante falece, além da sobrecarga por causa da tamanha demanda e a desvalorização constante por parte da equipe profissional de saúde e funcionários do hospital, na qual em sua maioria não compreendem a atuação do pedagogo nesse contexto e acreditam que o desenvolvimento do trabalho pedagógico resume-se a recreação, principalmente o atendimento ofertado na brinquedoteca.

Esses desafios não podem impedir que o trabalho seja realizado com excelência, pois antes de começar nessa área específica o pedagogo precisa ter conhecimentos prévios e compreender que esses desafios podem ser recorrentes, ou seja, antes de iniciar sua carreira na área hospitalar o professor precisa ter consciência dos obstáculos que poderá enfrentar e principalmente formação adequada com

diversos conhecimentos científicos. Portanto precisa haver uma preparação antecipada que vai além do curso de pedagogia e licenciatura.

Contudo, não são todos os hospitais que oferecem uma estrutura adequada, com todos os recursos necessários para o pedagogo desenvolver seu trabalho de maneira significativa. Dentro dessa área, existe dificuldade na oferta de possibilidade de diferentes recursos que são importantes para desenvolver atividades lúdicas e assim esses podem ficar repetitivos. Também existem obstáculos no que desrespeito ao planejamento, pois constantemente a pedagoga deve ter em mente que existe a possibilidade do plano de aula não ser desenvolvido como o idealizado devido aos diversos imprevistos que podem acontecer com o estudante internado.

Outro desafio que acontece com frequência é a necessidade de elaborar um plano de aula para estudantes do ensino fundamental II e ensino médio, pois o pedagogo não tem formação superior adequada para suprir as necessidades educacionais desses estudantes de maneira completa, mas devido ao que está explícito na Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995, no item 9, a qual afirma que, é direito da criança e do adolescente hospitalizado usufruir de alguma recreação, acompanhamento do currículo escolar e programas de educação durante a internação, ou seja mesmo sem formação específica para atuar nesses níveis da educação básica o pedagogo deve ofertar o atendimento aos estudantes adolescentes que cursam o ensino fundamental II e o ensino médio.

Sendo assim, esse capítulo abordará os principais desafios que os professores da área hospitalar enfrentam. Esses serão expostos nos tópicos 3.1.1; 3.1.2; 3.1.3 e por último o 3.1.4, o qual não abordará outros desafios, mas sim possibilidades para superar os já citados.

3.1.1 Flexibilidade do planejamento pedagógico no hospital

A flexibilidade do planejamento deve ser algo presente na rotina do professor que atua no contexto hospitalar tanto na área das brinquedotecas, como também na área da internação. Especificamente na área da intenção, (brinquedoteca e classe hospitalar), no decorrer do cotidiano existem imprevistos que podem ocorrer com o estudante, seja por motivos de exames, indisposição por causa das medicações, ou até mesmo por não querer realizar tal atividade. Quando isso acontece, em nenhuma

hipótese o estudante deverá ser forçado a realizar as atividades, porque também é importante respeitar esse período de fragilidade.

Diante dessa situação, é necessário que o pedagogo seja flexível, criativo e pense rápido nos recursos que estão disponíveis e que podem agradar o estudante nesse momento. Para facilitar o processo, é interessante que durante a elaboração do planejamento a pedagoga pense em propostas alternativas de acordo com os gostos e a necessidade do estudante hospitalizado.

Ademais na área da internação, é comum vir estudantes de outros estados para realizar cirurgias, tratamento de câncer e entre outros acompanhamentos médicos. Nesse aspecto, após todo o processo de contato com a escola de origem, avaliação diagnóstica e adaptação dos conteúdos curriculares de acordo com o da escola de origem e a BNCC, é relevante que o planejamento seja elaborado de acordo com a cultura, os costumes e os conhecimentos dos estudantes advindos de outros estados, ou seja o professor deve pesquisar e elaborar o plano de aula a partir dessa perspectiva.

Esse processo é importante, porque traz ao estudante a possibilidade de continuar os estudos de sua cidade natal, pode amenizar a falta que sente de seus costumes e ao mesmo tempo proporciona ao pedagogo a possibilidade de também aprender sobre novas culturas a partir da perspectiva do estudante, o que traz uma troca de saberes e uma aprendizagem significativa para ambos e para os colegas de quarto, ou da mesma idade, série/ano, caso o planejamento seja idealizado para acontecer de forma coletiva.

Na brinquedoteca ambulatorial, não é possível saber a quantidade, idade, série/ano de estudantes que vão estar presentes naquele dia, por isso é pertinente que o planejamento seja com atividades lúdicas como jogos, brincadeiras, contação de história, livros, brinquedos, atividades para colorir e diversos recursos que possibilitam a construção do processo de uma aprendizagem de um estudante que é elaborado antecipadamente com igual intencionalidade e objetivos de um plano de aula

Outro aspecto relacionado ao planejamento que deve ser aplicado tanto na área das brinquedotecas como na internação é a duração do planejamento. Todos esses devem ter início, meio e fim que necessariamente precisam ser desenvolvidos e aplicados no mesmo dia. Esse é relevante, porque na brinquedoteca o fluxo de crianças e adolescentes é intenso, ou seja, a todo momento entra e sai pessoas que

ficam cerca de 1 a 2 horas na brinquedoteca, isto é, não retornam no dia seguinte nem nas horas seguintes.

Na internação, mesmo o estudante dormindo no hospital existe a possibilidade de no dia seguinte esse receber alta, ser transferido de hospital, ou infelizmente vir a óbito e não ser possível concluir o atendimento. Por esses motivos é relevante que o pedagogo conclua o planejamento no mesmo dia. Partindo dessas perspectivas apresentadas, o plano de aula não pode ser longo e complexo. Precisa ser adaptado, curto, de fácil compreensão e ao mesmo tempo com a presença de atividades lúdicas que trazem aprendizagem significativas.

3.1.2 Estrutura física, recursos e higienização

A estrutura física e os recursos são um dos aspectos mais importantes e ao mesmo tempo desafiador para o professor. Esses aspectos dependem da disponibilidade do hospital em termos de espaço físico e o tipo de convênio firmado. Sendo assim, não são todos os hospitais que vão proporcionar condições favoráveis para o professor, o que torna mais um desafio a ser enfrentado e a partir disso, o professor precisa realizar o atendimento com os recursos que possui, caso esses forem insuficientes prejudicam o desenvolvimento do trabalho e conseqüentemente a aprendizagem do estudante.

Para que haja um atendimento em que possibilite condições favoráveis, na área da internação pediátrica, é necessário que haja uma sala específica para o atendimento pedagógico, nela precisa conter quadro branco, pincel para o quadro, apagador, armários, cadeiras, mesas, jogos pedagógicos, por exemplo tangram, batalha naval, lápis de cor, de escrever, borracha, apontador, armário com livros para todas as idades, brinquedos de primeira infância, para educação infantil e ensino fundamental I. Além disso, deve haver jogos para adolescentes, no mínimo 1 computador, ou *tablet* com acesso à internet. A sala precisa ser decorada, colorida, aconchegante, ter o abecedário colado na parede, um tatame, folhas A4 e A3 que podem ser utilizadas para realizar oficinas de Origami, tinta guache e impressora. Essa é a estrutura e os recursos mínimos para que a pedagoga ou pedagogo tenha condições favoráveis de desenvolver um excelente trabalho, nesse contexto.

Por ser um ambiente hospitalar, não são todos os recursos que normalmente utilizados em escola podem ser utilizados no atendimento pedagógico. Em muitos

casos há restrições de materiais, devido ao contexto hospitalar. Por exemplo Algodão, materiais com brilho, materiais com ponta como palitos de churrasco, tinta de rosto, isopor, gliter ou purpurina, balão, brinquedos de pelúcia e MDF. Essas restrições diminuem os recursos do professor, de maneira que esse precisa pensar em outras alternativas que estão ao alcance de sua realidade.

Além da estrutura física e dos recursos reutilizáveis, a higienização desses é indispensável para a realização de cada atendimento pedagógico. Todos os jogos de cartas, materiais reutilizáveis, decoração da sala (produzida pelo professor), precisam estar plastificados, para facilitar a higienização e os brinquedos, computador, *tablet*, jogos de tabuleiro e todos os recursos que podem ser utilizados novamente, precisam ser higienizados com álcool ao fim do atendimento, para que no próximo estes estejam devidamente limpos.

Na brinquedoteca, os recursos mínimos são parecidos com o da área da internação. É necessário conter diversos jogos para todas as idades, brinquedos para primeira infância, carrinhos, bonecos, bonecas, kit de cozinha, lápis de cor, folha A3 e A4, desenhos para colorir, livros para todas as idades, espaço de leitura, mesas, cadeiras, armários, deve haver decoração, ser um local aconchegante e que ofereça qualidade de atendimento para os estudantes. As restrições de recursos para a brinquedoteca são as mesmas da área do atendimento pedagógico ao estudante hospitalizado.

Devido ao grande fluxo na brinquedoteca, não é possível realizar a higienização a cada atendimento, sendo assim, é separado um período de 3 vezes ao dia, em que a brinquedoteca é fechada para o público para que ocorra a higienização de todos os mobiliários, brinquedos e materiais que foram utilizados. Para a maior segurança de todos que frequentam a brinquedoteca, os brinquedos e jogos após o uso de cada pessoa deve ser separado em um armário específico para que seja higienizado no momento adequado. E por fim, a organização do espaço é idealizada de acordo com o gosto da professora tanto para facilitar o atendimento como para higienização dos materiais.

3.1.3 Relação com sofrimento e morte

Para desejar desenvolver um trabalho pedagógico no hospital, é extremamente relevante ter a consciência de que um estudante pode vir a falecer a qualquer momento. Como parte da equipe multiprofissional é necessário que o pedagogo saiba lidar com a morte de um estudante no ambiente hospitalar, sem que este acontecimento afete o psicológico ao ponto de interferir no seu trabalho.

De toda forma, com o passar dos dias e a partir dos atendimentos é inevitável o pedagogo não construir um laço de afetividade com o educando e a família, pois como citado anteriormente é importante construir esse vínculo para que os atendimentos sejam realizados com sucesso. Contudo, a morte de um estudante pode causar aflição, tristeza e sentimentos ruins, pois antes de sermos profissionais existe um ser humano com sentimentos que são inevitáveis, porém estes devem ser controlados, porque o pedagogo deve dar apoio à família nesse momento tão delicado. É necessário compreender que o falecimento de um estudante faz parte do processo e todas as possibilidades que existiam para que não ocorresse o momento do falecimento foi executado com excelência pela equipe médica.

Sendo assim, o pedagogo precisa compreender da mesma maneira que o trabalho pedagógico desenvolvido antes do óbito foi realizado com excelência, dedicação, prazer, trouxe alegria e momentos especiais que somente o pedagogo poderia proporcionar em meio a um período de adaptação, conflito, desânimo e tristeza por estar doente e outros obstáculos que estão à frente de um estudante e sua família hospitalizados. Por isso, reforço o quanto é necessário desenvolver um trabalho com eloquência, seriedade, compromisso e não menos importante com alegria e eternizar momentos de sorrisos, aprendizagens, brincadeiras e oportunidade de adquirir conhecimentos, os quais ninguém pode nos tirar e os levamos para além da vida.

3.1.4. Como superar os desafios?

No decorrer desse capítulo, foram citados diversos desafios e problemas que o pedagogo no contexto hospitalar enfrenta em sua profissão. Todos esses momentos e obstáculos com o passar do tempo traz para o pedagogo situações estressantes e sobrecarregadas, as quais podem conseqüentemente interferir na excelência do

trabalho pedagógico a ser desenvolvido, causando mau humor, desgaste emocional e problemas que podem afetar o desenvolvimento profissional. Com isso, da mesma forma que é importante os citar também é de extrema relevância propor resoluções para que esses sejam superados.

Especificamente, no contexto hospitalar para superar os desafios é necessário que primeiramente o pedagogo tenha dedicação ao trabalho e o faça com amor, alegria, seriedade, compromisso e dedique-se aos estudos relacionados a pedagogia hospitalar, pois por meio da base teórica muitas questões podem ser compreendidas e dessa maneira facilita o processo de encontrar soluções relevantes e necessárias quando algo não está ao alcance naquele momento.

Para ajudar com a continuação dos estudos de adolescentes que estão no ensino fundamental II e ensino médio, é interessante que o pedagogo em concordância com o hospital busque uma rede de apoio de professores voluntários especialistas que dão aula referente aos conteúdos dessas etapas da Educação Básica e que tenham o desejo de contribuir para educação de estudantes hospitalizados.

Também é interessante, o pedagogo cuidar da sua saúde física e mental, procurar ter um acompanhamento com psicólogo, pois esse pode te ajudar a compreender certas situações e te auxiliar no controle das emoções, outra alternativa é a pratica de yoga e meditação, exercícios físicos, as quais trazem o equilíbrio emocional e libera a endorfina, as quais são necessárias ao ser humano para ter uma vida saudável, pois antes de cuidar dos aspectos educacionais de um estudante hospitalizado é interessante cuidar da própria saúde para esta bem e oferecer ao próximo o melhor de si.

Outra forma de superar os desafios é, o pedagogo em concordância com o hospital buscar meios de doações de brinquedos, jogos e outros recursos que podem complementar e acrescentar no desenvolvimento do trabalho. Além das doações o pedagogo também pode criar jogos, ou seja, idealizar e concretizar um jogo pedagógico que pode ser para uma idade específica, ou abranger várias idades, ter diferentes conteúdos educacionais ou apenas um em específico. Além disso, é interessante que o pedagogo conheça todos os jogos, brinquedos, livros e os recursos que estão disponíveis e como esses podem ser usados pedagogicamente de diversas maneiras, pois como citado anteriormente, existem imprevistos recorrentes na

aplicação do planejamento, então é relevante o pedagogo ter em mente outras propostas que podem ser desenvolvidas.

Por fim, em concordância com hospital é extremamente necessário que seja organizado palestras com comprovações científicas para toda equipe de saúde do hospital e funcionários, sobre a atuação do pedagogo no contexto hospitalar e a relevância que este possui tanto para o direito que o estudante tem em continuar seus estudos, mesmo em um período de enfermidade, como reflete na recuperação desse. Essa ação traz o reconhecimento e a compreensão do trabalho que é desenvolvido pelo pedagogo no contexto hospitalar.

3.2 O Pedagogo como parte da equipe multiprofissional do hospital

Diante dos aspectos ressaltados no capítulo 2 sobre a importância da presença do pedagogo no contexto hospitalar em relação aos estudantes, ainda é pertinente discutir a respeito da relevância da participação do pedagogo na equipe multiprofissional do hospital e como estes devem trabalhar em conjunto para que consigam atender as necessidades como um todo de quem está internado, pois como afirma Souza (2011, p. 256):

Nessa perspectiva, existe a compreensão de que o trabalho da equipe de saúde deve ser articulado, integrado e simultâneo a ações de educação que busquem a prevenção, a cura e a promoção da saúde, bem como a continuidade do processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças e jovens hospitalizados como sujeitos integrais.

De acordo com o site do Centro Universitário Univeritas, um levantamento feito em 2015 e atualizado em 2019, afirma que o Brasil possui cerca de 155 classes hospitalares. Porém, com os dados desse levantamento, existem estados brasileiros como Amazonas, Rondônia, Amapá, Paraíba, Mato Grosso do Norte e Espírito Santo que não possuem pelo menos uma classe hospitalar em todo o estado. Diante disso, existem leis e documentos que não estão sendo cumpridos e por consequência o direito do estudante continuar seus estudos em situação de enfermidade, é negado.

De acordo com Matos e Mugiatti (2006, p. 16):

A atuação do pedagogo, sob tal enfoque e ocupando o seu devido e nítido espaço – este ainda a ser conquistado no seu todo -, é, sem dúvida, uma reforçada contribuição ao trabalho multi/interdisciplinar no contexto hospitalar, tanto no que diz respeito às equipes técnicas, em que ele, pedagogo, tem condições de desenvolver um trabalho de sentido sincronizador didático, pedagógico educativo como, também, em relação aos usuários, na execução de atividades programadas.

Nessa perspectiva é perceptível a importância do pedagogo ser inserido na equipe multiprofissional do hospital e ser reconhecido como parte da recuperação do estudante, pois a contribuição deste traz inúmeros benefícios. Quando não há a integração do pedagogo na equipe multiprofissional do hospital, os estudantes têm o direito negado de continuar os estudos em situação de enfermidade, não continuam o desenvolvimento da aprendizagem cognitiva e de acordo com o período de tempo que

ficarem sem estudar corre o risco de acontecer, por exemplo a evasão escolar e também outras consequências que podem afetar a vida acadêmica como um todo.

Como afirma o estudo conduzido pela professora Izabel Cristina Silva Moura (2008), do Instituto Helena Antipoff, vinculado à Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, foram observadas 50 crianças por um mês em três hospitais diferentes da cidade. Nessa pesquisa, a professora observou que as crianças que não tinham esse atendimento passavam por estresses maiores do que as que possuíam o atendimento à classe hospitalar. Sendo assim não há motivos para que o pedagogo não seja reconhecido de maneira significativa e não seja compreendido a relevância desse profissional na participação do pedagogo da equipe multiprofissional do hospital, pois como escrevem Santos e Souza (2010, p. 115):

O apoio pedagógico, mais que tentativa de repor a ausência do aluno à escola, tem se manifestado como fator importantíssimo ao pronto restabelecimento da saúde do educando, pois, se verifica que, motivados pela assistência educacional, os pacientes sempre manifestam melhoria nos seus estados de saúde, consequência direta da valorização humana que sentem ao receberem complementação educacional enquanto submetidos a tratamentos de saúde.

Diante desses aspectos apresentados, não é permitido compreender a ausência do pedagogo no contexto hospitalar na área da pediatria. Sem dúvidas esse profissional tem a capacidade de integrar a equipe multiprofissional do hospital de forma que tanto a presença de médicos, enfermeiros, técnicos em enfermagem, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos e as demais profissões relacionadas a área da saúde são de extrema necessidade. Sendo assim, o pedagogo também possui a sua importância igualmente definida para que haja a continuação dos estudos do educando de maneira significativa tanto para o desenvolvimento cognitivo, como para facilitar o processo de recuperação.

CAPÍTULO 4: ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Neste capítulo, serão apresentadas e analisadas as informações obtidas por meio do questionário preenchido pelas colaboradoras da pesquisa que atuam em um hospital localizado no Distrito Federal há anos e que podem escrever suas perspectivas sobre o tema.

4.1 Caracterização das colaboradoras da pesquisa

As colaboradoras participantes desta pesquisa, atuam no contexto hospitalar, em um hospital localizado no Distrito Federal e ocupam o cargo de estagiária de pedagogia, que faz o curso na UnB, uma auxiliar pedagógica, que é formada em pedagogia pela UnB, e uma psicopedagoga, que é pedagoga e tem especialização em psicopedagogia e neuropsicopedagogia. Atuam, respectivamente, no contexto hospitalar há 1 ano, 3 anos e 5 anos no mesmo hospital.

Elas foram escolhidas e convidadas para serem colaboradoras desta pesquisa, porque atuam no mesmo hospital em que eu realizei meu estágio remunerado, dessa forma, facilitando minha rede de contato para a construção deste estudo.

4.2 Metodologia do Formulário

A metodologia usada para a construção desse formulário, foram perguntas relacionadas ao cotidiano, vivências e experiências do pedagogo que atua no contexto hospitalar. Esse formulário foi criado no *Google Forms* e enviado o link desse para as colaboradoras da pesquisa, as quais são pedagogas e atuam no contexto hospitalar, preencherem. O questionário contém 8 perguntas e as respostas das colaboradoras as quais serão expostas e comentadas a seguir.

Na primeira questão, foi pedido às colaboradoras que descrevessem, em sua perspectiva, sobre a importância do pedagogo no contexto hospitalar. Essas descreveram igualmente que o pedagogo é essencial no ambiente hospitalar, pois a criança e o adolescente têm a oportunidade de continuar seu processo de aprendizagem, mesmo em um período de enfermidade. Além disso, o pedagogo faz parte da humanização hospitalar e proporciona aos estudantes momentos de aprendizagens, criação de projetos, brincadeiras, jogos e conhecimentos os quais um

profissional da educação possui habilidades específicas e científicas para proporcionar.

Na segunda pergunta, foi questionado sobre quais são as maiores contribuições que a pedagogia hospitalar traz para o hospital. Todas as participantes refletiram sobre a humanização, em que o hospital visa ao desenvolvimento completo da criança e não somente a doença. Conseqüentemente gera a participação, integração, socialização, incentiva o brincar, o apoio às atividades escolares e, assim, o hospital se torna um lugar mais leve e o estudante não permanece restrito à doença.

Na terceira pergunta, foi perguntado sobre o maior desafio que o pedagogo hospitalar enfrenta. Unanimemente, as colaboradoras relataram sobre a falta de reconhecimento que existe referente à atuação do pedagogo no contexto hospitalar por parte da equipe multiprofissional do hospital, ou seja, o trabalho que o pedagogo desenvolve no contexto hospitalar é tomado por muitos como uma recreação e apenas diversão para os estudantes, sendo que atuar como pedagogo no hospital vai além de uma brincadeira, exige conhecimentos, dedicação, responsabilidade com a aprendizagem do próximo e seriedade com o trabalho.

Na quarta pergunta, foi indagado sobre a rotina de trabalho do pedagogo. Para ficar mais precisa a rotina individual de cada colaboradora da pesquisa, colocarei em exposição as respostas da estagiária de pedagogia, da pedagoga e da psicopedagoga, respectivamente.

“A função principal dos estagiários de pedagogia é auxiliar no atendimento das brinquedotecas. Inicialmente o *check list* de limpeza dos espaços é conferido e os leitos de precaução de contato⁵ são demarcados, pois possuem restrições, o que facilita o atendimento. Os armários de brinquedos são conferidos e os brinquedos limpos do atendimento anterior são organizados e guardados. Por conta da pandemia, o atendimento nos espaços é feito por agendamento, atualmente sendo possível ter 4 crianças por horário. Realizando essa etapa, atendemos às crianças conforme o horário estabelecido. As crianças que, por algum motivo, não possam sair do leito, seja por estar de precaução, ou ser limitações físicas, recebem a Caixa divertida, uma caixa contendo brinquedos e jogos de sua preferência. Essa etapa é realizada no início da semana, para que as crianças possam ficar com a caixa até

⁵ Leitos de precaução de contato: São os leitos em que não pode entrar sem as proteções exigidas, pois visam prevenir a transmissão de microrganismos por via respiratória, por partículas maiores que 5 micras de pacientes com doença transmissível, geradas pela tosse, espirro e durante a fala.

o fim da semana (sexta-feira). É atendida toda a internação, Transplante renal substitutivo (TRS) e Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Elaboramos planejamento de atividades todo mês para serem executadas no espaço em que você estiver atuando, seja na brinquedoteca, mas brinquedotecas móveis, como no centro cirúrgico, com as crianças atendidas por Transplante renal substitutivo e hospital dia (quimioterapia). As atividades são feitas de acordo com o tema do mês informado pela SVP (supervisão de voluntariado e pedagogia hospitalar), e são elaborados no início do mês, podendo utilizar dos diversos materiais disponíveis para esse fim. À chegada de voluntários do hospital, realizamos agendamento para que estes atendam também nas brinquedotecas. Ao final da semana conferimos jogos e brinquedos, além de elaborar novos. A pesquisa de satisfação do hospital também é feita pela equipe, podendo ocorrer nas brinquedotecas ou qualquer espaço do hospital. Quando solicitado, são realizados agendamentos dentro dos leitos ou no espaço (internação), sempre com cuidado de acordo com a precaução ou necessidade da criança. As crianças que realizam a transfusão de sangue também são atendidas por nós por meio dos brinquedos e jogos. Projetos maiores como uma apresentação no hall Central também colaboramos na execução”.

“Atuo tanto nas brinquedotecas ambulatoriais como nas da Internação. Levando o brincar e o reforço pedagógico. Oriento também as estagiárias de pedagogia em suas demandas”.

“Pedagogo tem a função de acompanhar, orientar e auxiliar na condução dos atendimentos lúdico-pedagógicos nas brinquedotecas e espaços específicos de atendimento pedagógico. Faz parte da rotina também a visita nos leitos e nas brinquedotecas. Providenciar materiais necessários para que haja um bom atendimento. Planejar e acompanhar os projetos e atividades oferecidas. Organizar atividades para celebrar datas comemorativas. Supervisionar a rotina de higienização dos espaços e brinquedos disponíveis nos espaços. Em geral, acompanhar a organização e funcionamento das brinquedotecas e prezar pelo atendimento lúdico-pedagógico para os pacientes que estão impossibilitados de frequentar a escola presencialmente. Prezando sempre pelo bem-estar físico e emocional do paciente”.

Sendo assim, é notório que todos os atuantes na pedagogia hospitalar, têm um papel muito significativo e contribuem não só para o bem-estar do estudante,

como também para a equipe de saúde. Cada profissional relacionado à pedagogia hospitalar tem a sua função e importância para que o trabalho seja desenvolvido e ofertado ao estudante da melhor forma possível. Por exemplo, a estagiária de pedagogia organiza e prepara o espaço, a pedagoga coordena as ações junto à equipe de estagiárias, a psicopedagoga supervisiona e orienta. Ou seja, cada profissional contribui para o fluir das atividades e demandas que essa profissão exige.

Na quinta questão do questionário proposto às colaboradoras da pesquisa, é interrogado sobre as diferenças de planejamentos que existem para o atendimento na brinquedoteca e na internação. E, assim, as colaboradoras responderam de forma semelhante que o público referente às crianças da brinquedoteca e da internação é diferente, de forma que, as crianças que frequentam a brinquedoteca ambulatorial, em geral, podem participar de brincadeira de correr, como caça ao tesouro, uma atividade teatral e atividades em que há possibilidade de exigir mais fisicamente do estudante. Também há diferenças nas condições físicas e emocionais.

No entanto, na área da internação a condição da criança de exercer alguma atividade, algum movimento normalmente é restrito, por isso são desenvolvidas atividades manuais, jogos de mesa, dentre outros. Outra colaboradora relata também que o tempo e o foco da atividade são diferentes, ou seja, o tempo e o objetivo a ser alcançado na área da internação é maior, pois o estudante permanece internado durante poucos ou muitos dias, além disso o planejamento é desenvolvido normalmente de forma individual. Na área da brinquedoteca ambulatorial, o tempo é curto pois os estudantes permanecem poucas horas sendo atendidos, dessa forma o objetivo é diferente da área da internação, pois atendimento é coletivo, não tem restrições de atividades que exigem maior movimentação do corpo e tem muitas crianças de todas as idades em um mesmo local brincando e interagindo o que torna uma das principais diferenças de planejamento que existe entre os atendimentos.

Na sexta e sétima questão foi indagado sobre a estrutura física e os recursos que o hospital oferece aos atuantes da pedagogia hospitalar para realizar os atendimentos pedagógicos e os materiais que normalmente são utilizados em sala de aula, mas que não podem ser usados no contexto hospitalar, respectivamente.

Como resposta, as colaboradoras relataram que, por causa do contexto hospitalar, não podem ser utilizados materiais, como tinta de rosto e tecido, balão, brinquedos de pelúcia, MDF, isopor, glitter ou purpurina, algodão, materiais com brilho e materiais com ponta, como palitos de churrasco. Mas, em contrapartida, o hospital oferece uma excelente estrutura física com decoração do espaço, equipamentos, mobiliários e também materiais pedagógicos, como jogos e brinquedos diversos, materiais de papelaria, artes no geral, como fantoches para teatro, caixa de música, e por fim dança e pintura, para os frequentadores da brinquedoteca. Dessa forma, possibilitando um trabalho melhor e de qualidade para os estudantes.

No início do formulário, especificamente na questão 3, foi questionado sobre quais eram os maiores desafios enfrentados pelo pedagogo hospitalar e em conformidade as colaboradoras responderam sobre a falta de reconhecimento que existe por parte da equipe de saúde em relação à atuação do pedagogo. Na oitava questão, foi questionado especificamente sobre o valor e a integração que é dado ao pedagogo por parte da equipe pedagógica. As colaboradoras responderam de formas diferentes. Para ficar claro a compreensão, colocarei em exposição as respostas das colaboradoras estagiária de pedagogia, pedagoga e psicopedagoga, respectivamente.

“É valorizado e integrado, mas não tem o mesmo reconhecimento comparado aos outros profissionais no sentido de ter o trabalho levado a sério, como nas brinquedotecas, sendo reduzido apenas ao lúdico, diminuindo todo o trabalho e potencial que um pedagogo pode exercer”.

“Não”.

“Nesse hospital a pedagogia hospitalar está em processo de construção, de adaptação e desenvolvimento. Ainda não participamos diretamente da equipe multiprofissional, mas temos projetos e acordos de interação com muitas áreas que abrangem a equipe multiprofissional”.

Nessas respostas é perceptível que a atuação das pedagogas não é devidamente reconhecida por parte da equipe de saúde e conseqüentemente tem seu espaço desvalorizado no hospital. Porém a valorização e a integração da pedagogia hospitalar ainda estão em processo de construção e reconhecimento,

em que essas profissionais trabalham arduamente para conquistarem seu espaço, sendo valorizadas e integradas na equipe multiprofissional do hospital.

Dessa forma, é interessante que o hospital, em conjunto com essas profissionais, realize eventos e palestras científicas que abordem a importância da pedagogia hospitalar e como esse profissional contribui imensamente para o sucesso do trabalho da equipe médica.

Portanto, finalizo este capítulo e deixo em disponibilidade a íntegra do questionário de cada participante desta pesquisa no apêndice deste trabalho.

Considerações Finais

Diante das perspectivas apresentadas, neste estudo, foi exposta a necessidade que existe em compreender a importância do pedagogo no contexto hospitalar. Como questionamento propulsor, este estudo teve a seguinte questão: Qual a função, os desafios e a importância do pedagogo no contexto hospitalar? E como objetivo geral foi proposto compreender a função, os desafios e a importância do pedagogo no contexto hospitalar. Como citado no capítulo 2, o pedagogo possui diversas funções que estão distribuídas entre as brinquedotecas (ambulatorial e área de internação) e a classe hospitalar, porém a que devo ressaltar, a qual é primordial para que a continuação dos estudos seja mais proveitosa na classe hospitalar, é trazer para o estudante a familiarização e adaptação ao ambiente em que está inserido no momento.

Sem esse processo, que pode demorar dias para acontecer, certamente não será possível desenvolver junto ao estudante a continuação dos estudos com a qualidade esperada por parte do pedagogo e também para o reconhecimento da equipe de saúde e funcionários do hospital. Nessa perspectiva, é importante compreender que, além de conteúdos formativos escolares, que são necessários para continuação do progresso escolar, existe um ser humano que está em processo de adaptação a um ambiente que até então é desconhecido.

Nesses momentos, a criança ou o adolescente passam por sentimento de insegurança, tristeza, percebem que estão em um lugar com pessoas desconhecidas e existe uma quebra de rotina com que estava habituado, como ir à escola, estar com a família, amigos, parentes, amigos vizinhos. As atividades que antigamente eram do cotidiano, como correr, pular, dançar etc., não poderão ser realizadas como antes, nesse momento.

Sendo assim, é relevante que o pedagogo, antes de iniciar os conteúdos escolares e adentrar na aplicação do currículo formal, seja compreensível e sensível, de forma que, no primeiro atendimento pedagógico, comece a criar vínculo com o estudante, conhecer seus gostos, ganhar sua confiança, apresentar outras possibilidades de brincadeiras, jogos, mostrar que também existem outras crianças e adolescentes que estão na mesma situação e que podem fazer amizade, conversar, brincar, ajudar um ao outro, ou seja, apresentar uma perspectiva diferente para que este entenda as demais possibilidades existentes.

Assim, após este processo, o pedagogo pode dar continuidade aos conteúdos escolares e às demais funções que são atribuídas, por exemplo, definir como ocorrerá o atendimento, a partir do tempo de permanência do estudante no hospital, entrar em contato com a escola de origem e a professora regente e as demais funções atribuídas no cotidiano, as quais foram citadas no capítulo 2.

É relevante informar que as referências usadas para construir este estudo são de um hospital localizado no Distrito Federal, onde realizei o estágio obrigatório e o estágio remunerado. Este hospital tem como parte de sua estrutura, brinquedoteca ambulatorial, uma brinquedoteca em cada área de internação, não possui atendimento em classe hospitalar, mas realiza atendimento pedagógico semelhante ao da classe hospitalar para os estudantes que permanecem hospitalizados por um longo período. Sendo assim, as funções distribuídas em áreas diferentes do hospital, como brinquedoteca ambulatorial, brinquedoteca da área de internação e classe hospitalar dependem da estrutura que o hospital oferece, ou seja, existem hospitais que não possuem brinquedoteca ambulatorial, mas possuem brinquedoteca na área da internação e classe hospitalar, dessa forma, as funções do pedagogo são redistribuídas de acordo com a necessidade, demanda e estrutura do hospital.

Além da função do pedagogo no contexto hospitalar, existe a importância e as contribuições no processo de recuperação que este traz para os estudantes hospitalizados. Por estar em um processo de adaptação e reconhecendo o novo ambiente em que está inserido, destaco que o pedagogo traz a este estudante um olhar que está além da doença, o qual possibilita a continuação da aprendizagem, fazer novas amizades, vivenciar novas experiências, perceber sua condição, mas ainda assim compreender que é capaz de aprender, sorrir, ter momentos de alegria, descontração, diálogo, conhecer novas pessoas, costumes, culturas, trocar experiências.

Essas oportunidades de trocas, além de contribuir para a recuperação, são momentos que o estudante vai lembrar por toda vida e entender o quanto foi importante uma professora fazer parte desse processo e que este foi um momento menos doloroso, agressivo, constrangedor e difícil de superar.

Nesse percurso, também existem os desafios que o pedagogo da área hospitalar enfrenta. Neste estudo, no capítulo 3, são citados diversos desafios, como a relação de sofrimento e morte, restrições na estrutura física, nos recursos,

na maior necessidade de higienização do ambiente, porém o principal relatado, por parte das colaboradoras desta pesquisa, é a falta de reconhecimento que existe da equipe de saúde, ou seja, todo esforço, estudo, dedicação, comprometimento aplicado para desempenhar um trabalho de qualidade ainda não têm o devido reconhecimento e integração da equipe de saúde e dos demais funcionários do hospital.

Enquanto atuava como estagiária de pedagogia no contexto hospitalar, tive momentos de experiências em que, ao dialogar com funcionários do hospital sobre a minha função na brinquedoteca, uns respondiam que eu estava sendo paga para apenas brincar com as crianças e que “esse trabalho era muito fácil de ser realizado, sentar em uma mesa e brincar de *Uno* até o final do expediente”. Em outros momentos, ouvia de médicos que “a brinquedoteca era apenas um lugar de brincadeiras recreativas, disponibilizadas aos pacientes enquanto esperavam atendimento, ou enquanto o médico tinha um diálogo com os pais de forma restritiva e assim enviava a criança para a brinquedoteca para que as pedagogas ali presentes ‘tomassem conta’ do estudante”. Diante dessa experiência, é notória a falta de entendimento que existe entre os funcionários e a equipe de saúde em relação à atuação do pedagogo e o trabalho que este desenvolve com as crianças.

É constrangedor perceber que o trabalho pedagógico desenvolvido nas brinquedotecas é resumido apenas à recreação, sendo que, por trás do brincar, existe o aprender, a criança aprende brincando, existe a intencionalidade, objetivos a serem alcançados e um árduo trabalho realizado por pedagogas e estudantes de pedagogia. E, como forma de amenizar esse desafio, é imprescindível que haja organização de palestras e eventos para a equipe de saúde e funcionários do hospital, de maneira que se expliquem a função e a importância do pedagogo no contexto hospitalar, o esforço que exige deste profissional para contribuir com o bem-estar e a recuperação do estudante e o quanto o professor que atua na área hospitalar tem a capacidade de integrar a equipe multiprofissional do hospital, assim como os demais profissionais específicos da área da saúde.

Diante de todas as perspectivas apresentadas e a partir do que foi desenvolvido neste estudo, posso considerar que o objetivo geral proposto foi atingido por meio do diálogo com teóricos que discutem a pedagogia hospitalar, as minhas experiências no hospital e os depoimentos das colaboradoras desta pesquisa. Sendo assim, confirmo que a função, os desafios e a importância do pedagogo no

contexto hospitalar foram desenvolvidos com detalhes a partir de experiências que obtive durante o meu estágio e citações de autores que refletem sobre o tema.

E por fim, como objetivos específicos, esse estudo teve como proposta conhecer as leis e diretrizes que asseguram o ensino hospitalar, reconhecer a contribuição e os aspectos positivos do pedagogo na recuperação do estudante hospitalizado, identificar as características pertinentes para a atuação do pedagogo hospitalar, conhecer os desafios do profissional da área da educação que atua no ambiente hospitalar, compreender a necessidade da participação do pedagogo na equipe multiprofissional do hospital e compreender os diferentes tipos de planejamentos para cada área da educação no espaço hospitalar.

Para comprovar esses questionamentos e o alcance dos objetivos específicos, em cada capítulo, foram desenvolvidas ideias que partiram de experiências próprias e de autores que dialogam sobre o assunto. No capítulo 1, relatou-se um breve histórico sobre a pedagogia hospitalar, ou seja, como essa iniciou no mundo, depois no Brasil e após no Distrito Federal. Além disso, foram abordadas as Leis que garantem o direito ao estudante dar continuidade aos estudos, mesmo em um período de enfermidade. Na escrita desse capítulo, é possível compreender a evolução da pedagogia hospitalar desde quando surgiu no mundo até a sua contextualização no Distrito Federal.

Com o objetivo específico a ser alcançado, sobre as leis que asseguram o ensino hospitalar, esse capítulo aborda sobre a evolução dessas leis que estão na Constituição Federal de 1988 no Título VIII, Capítulo III, Art. 205, a qual aborda a educação como um dever do estado e direito de todos, em 1994 acontece o reconhecimento da classe hospitalar por parte do Ministério da Educação e Cultura (MEC), a Lei 13.716, de 24 de setembro de 2018, altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 1996 em que assegura o atendimento educacional ao aluno da educação básica que esteja hospitalizado ou em condições de tratamento domiciliar por tempo prolongado

No decorrer desses anos, é notável o quanto as leis foram importantes para que o ensino hospitalar chegasse ao nível de hoje, porém há muito o que elaborar, realizar e fiscalizar. Como citado anteriormente, ainda existem hospitais que não ofertam classe hospitalar e nenhum tipo de atendimento relacionado à área da educação, nesse contexto compreendo que, automaticamente a lei não está sendo cumprida e assim crianças e adolescentes têm o direito à educação negado.

Já no segundo capítulo, discorreu-se sobre a função e a importância do pedagogo no contexto hospitalar, ou seja, foram descritas as funções que o pedagogo desenvolve nesse contexto e comprovado, por meio de citações de autores renomados na área, a importância que esse profissional possui em relação aos pacientes que estão hospitalizados, mas que precisam continuar desenvolvendo seu cognitivo, processo que ajuda no período de recuperação. Também nesse mesmo capítulo, foi explicado sobre as características pertinentes que o pedagogo precisa desenvolver no percurso de sua atuação e principalmente foi exposto sobre a diferença de planejamentos que existe entre as brinquedotecas e a classe hospitalar, dessa forma, os objetivos específicos designados no início deste estudo que foram alcançados nesse capítulo são: reconhecer a contribuição e os aspectos positivos do pedagogo na recuperação do estudante hospitalizado, identificar as características pertinentes para a atuação do pedagogo hospitalar e compreender os diferentes tipos de planejamentos para cada área da educação no espaço hospitalar.

Sendo assim, eu, como estudante de pedagogia e a partir das minhas experiências obtidas na pedagogia hospitalar, concluo que o pedagogo é fundamental no hospital para a continuação do desenvolvimento do estudante. Mas, para que isso aconteça, é necessário ao pedagogo internalizar características pertinentes que irão auxiliar em sua atuação de forma positiva, a partir da escuta sensível e pedagógica. Também é possível concluir que, no hospital, existem várias áreas em que o pedagogo pode atuar, relacionadas às brinquedotecas e classe hospitalar, mas essa atuação depende da estrutura física que o hospital oferece e da demanda exigida.

No capítulo 3, foram relatados os diversos desafios que envolvem a profissão do pedagogo hospitalar, assim contemplando os seguintes objetivos específicos: conhecer os desafios do profissional da área da educação que atua no ambiente hospitalar, compreender a necessidade da participação do pedagogo na equipe multiprofissional do hospital. Assim a necessidade frequente de flexibilizar o planejamento, as restrições no uso de materiais e na estrutura física, a relação com sofrimento e morte e principalmente no capítulo 4 o principal desafio relatado por parte das colaboradoras da pesquisa é a desvalorização do pedagogo hospitalar, porém no capítulo 3 como forma de trazer soluções para esses desafios, foram citadas possibilidades que contribuem para os superar, por exemplo, a organização de palestras para a equipe médica e funcionários do hospital, o pedagogo dedicar-se aos estudos relacionados à pedagogia hospitalar, buscar junto ao hospital uma rede

de apoio de doações e também de professores voluntários específicos das matérias de exatas e humanas, para contribuir aos estudantes que estão cursando o ensino fundamental II e ensino médio.

Além disso, ressalto uma solução considerada por mim uma das mais importantes: é essencial que o pedagogo cuide de sua saúde física e mental, por meio de uma vida saudável, acompanhamento com psicólogo, prática de exercícios físicos, yoga, meditação, os quais trazem o equilíbrio emocional. Ainda no capítulo 3, no tópico 3.2, o pedagogo foi apresentado como parte multiprofissional do hospital, ou seja, sua integração à equipe de saúde do hospital. Nesse capítulo, eu trago citações de autores que dialogam sobre a integração do pedagogo à equipe multiprofissional do hospital e como este profissional é capaz de desenvolver seu trabalho contribuindo para a recuperação dos estudantes e assim ter o reconhecimento e o valor que merece.

Por fim, no capítulo 4, foi elaborada uma pesquisa por meio de questionário, para compreender a perspectiva das colaboradoras da pesquisa, ou seja, comprovando na prática, as questões que foram levantadas no início do estudo. Com as respostas das colaboradoras, foi possível compreender e identificar questões atreladas a teorias, como por exemplo, a rotina de trabalho do pedagogo, as restrições de materiais pedagógicos presentes no contexto hospitalar, a desvalorização da pedagogia hospitalar, as principais contribuições do pedagogo, as principais diferenças entre os planejamentos das brinquedotecas e a área da internação e a importância que o pedagogo tem nesse contexto.

Portanto, este estudo permitiu compreender e aprofundar os conceitos teóricos e práticos sobre a pedagogia hospitalar, como é possível contribuir positivamente no período de recuperação do estudante, compreender o ponto de vista das colaboradoras da pesquisa e assim fazer a relação da teoria e prática de maneira clara, objetiva para melhor compreensão de todos. Durante a escrita deste estudo, pude aprender mais sobre a pedagogia hospitalar e lembrar momentos de experiências que tive durante o meu estágio, pude compreender que muitas questões precisam ser discutidas e implementadas no contexto hospitalar em relação à pedagogia e também foi muito significativo pensar em soluções possíveis para superar os desafios que os pedagogos enfrentam. Além de apontar os desafios, compreendi que é melhor ainda trazer possíveis soluções para esses problemas.

Construir este estudo foi extremamente gratificante, porque pude conciliar minhas maiores paixões, as quais são a escrita e a pedagogia hospitalar. Contribuir

para a área de educação relacionada à área da saúde através de pesquisa bibliográfica, minhas experiências e relatos das colaboradoras foi de uma aprendizagem e tanto. Colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos no curso de pedagogia e perceber durante o meu estágio os aspectos descritos neste estudo e os comentar com propriedade foi uma grande vivência.

Além disso, é muito gratificante contribuir para a pedagogia com estudos que vão além da sala de aula, muitos não reconhecem os diferentes âmbitos de atuação de uma pedagoga e não refletem que o trabalho da área educacional está além das paredes escolares. Estudantes do curso de pedagogia precisam ter acesso a esses diferentes campos de atuação e conhecimentos e este estudo traz sobre a pedagogia hospitalar muitos aspectos que estão bem delineados e explicados de uma forma clara, objetiva e compreensível.

Sendo assim, este estudo pode ser interessante para profissionais e estudantes da área da educação e saúde, para pais e mães, ou responsáveis que estão com seus filhos hospitalizados e que desejam compreender melhor sobre a pedagogia hospitalar e a função do pedagogo/professor e para quem tem interesse em aprender sobre a pedagogia hospitalar. E, por último, mas não menos importante, o pedagogo, ou estudante de pedagogia que fizer a leitura deste TCC, consiga compreender que, para atuar no contexto hospitalar, além de conhecimentos sobre a área, é necessário ter amor, seriedade, comprometimento, disciplina, resiliência com os estudantes internados e transmitir a eles alegria, confiança, novas perspectivas, aprendizagens e momentos de descontração, que permitam enfrentar os momentos no hospital com mais leveza.

PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Com muito esforço e dedicação, consegui chegar nesse momento tão esperado e desejado, que é o fim da graduação. Passei por muitos obstáculos e os superei com o apoio da minha família e de outras pessoas queridas, que eu amo. Todos os momentos vividos na Universidade de Brasília foram de muitas aprendizagens e amadurecimento, que vão ficar eternizados em minha mente, não tenho palavras para descrever o quão especial foi cursar pedagogia nesse universo, me apaixonar e viver experiências educativas incríveis relacionadas à pedagogia hospitalar.

Como perspectiva profissional, pretendo prestar concurso para a Secretaria de Educação do Distrito Federal e, quando houver processo seletivo interno, ingressar na carreira da pedagogia hospitalar em algum hospital do Distrito Federal. Esse é meu maior sonho e objetivo. Após esse momento, desejo fazer mestrado e doutorado na área de educação especial. Esse é meu objetivo final e assim, depois de muitos anos de experiência e vivência no âmbito educacional, encerrar minha vida profissional na área da educação.

Referências:

BARBIER, René. **Escuta sensível na formação de profissionais de saúde**. Universidade Paris 8, CRISE. Disponível em < <http://www.barbier-rd.nom.fr/ESCUTASENSIVEL.PDF>>

BIBIANO, Bianca. Ensino nas horas difíceis. **Revista Nova Escola**. Edição 220, março de 2009. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/inclusao/educacao-especial/ensino-horas-dificeis-427724.shtml>. Acesso em 02. Out. 2020.

[_____] BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Congresso Nacional, 1988.

BRASIL. Congresso Nacional. Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Brasília: Congresso Nacional, 1990.

BRASIL. Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução n.41 de outubro de 1995. **Diário Oficial da União**, Brasília, 17 out. 1995. Disponível em: https://www.mpdf.mp.br/portal/pdf/idades/promotorias/pdij/Legislacao%20e%20Jurisprudencia/Res_41_95_Conanda.pdf Acesso em: 28 out. 2020.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes Hospitalizados. Brasília: Congresso Nacional, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial no Brasil. Brasília: MEC, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar. Brasília: MEC, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira**. Brasília: MEC, 1996.

CECCIM, Ricardo Bug **Classe hospitalar: Encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar**. PÁTIO ANO 3 Nº 10. Ago.1999. Disponível em: <http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/84/classehospitalarceccimpatio.pdf> Acesso em 02. Out. 2020

Classe hospitalar semeia educação e leva ludicidade a crianças com câncer. **Univeritas**, 14 de fev. 2019. Disponível em: <https://www.univeritas.com/noticias/classe-hospitalar-semeia-educacao-e-leva-ludicidade-criancas-com-cancer> Acesso em: 28.out.2020.

_____, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

CORDEIRO, Inaiê; FANTACINI, Renata Andrea Fernandes. A escuta pedagógica no atendimento ao escolar hospitalizado. **Educação**, Batatais, v. 8, n. 1, p. 11-28, 2018.

CUNHA, Nylse; VIEGAS, Drauzio. **Normas para a Brinquedoteca Hospitalar.**In: **BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: isto é humanização.** Drauzio Viegas (org.); Associação Brasileira de Brinquedotecas. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

ESTEVES, Cláudia R. **Pedagogia Hospitalar: Um breve histórico.** 2008. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/60415042/2-pedagogia-hospitalar-um-breve-historico>. Acesso em: 06. Nov. 2020.

FONTANA, Maria Iolanda; SALAMUNES, Nara Luz Chierighini. Atendimento ao escolar hospitalizado - Smec. In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira (Org). **Escolarização Hospitalar: Educação e Saúde de mãos dadas para humanizar.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LIMA, Camila Cardoso; SOUZA, Franciele Aparecida da Silva; MELO, Érica Regina Pereira da Silva; ROCHA, Ezi Silveira; NASCIMENTO, Marina Cássia; PEREIRA, Shirley de Souza; RAMOS, Wanda Batista. A Educação em Ambiente Hospitalar. **Só Pedagogia,** 10.abril.2014. Disponível em: https://www.pedagogia.com.br/artigos/educacao_ambiente_hospitalar/index.php?pagina=0 Acesso em: 15.fev.2022

MATOS, Elizete Lucia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: A humanização integrando educação e saúde.** 2 ed. Petrópolis: 4. ed. 2009.

MELO, Damaris Caroline Quevedo de; LIMA, Vanda Moreira Machado. **Professor na Pedagogia Hospitalar: Atuação e Desafios.** Universidade estadual paulista, SP. 2015.

MITRE, Rosa Maria de Araújo. **A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde.** 2003. 154 f. Instituto Fernandes Figueiras - Fiocruz, Rio de Janeiro, 2003.

MORGADO, Fernanda Martimon. **Classes Hospitalares e seus recursos lúdicos: uma investigação com os atores sociais envolvidos.** Brasília: Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, 2011. Disponível em: <https://1library.org/document/z12me7py-classes-hospitalares-recursos-ludicos-investigacao-atores-sociais-envolvidos.html> Acesso em: 15. Fev. 2022

MOURA, Izabel Cristina Silva; FERREIRA, M. C. . A Influência da Classe Hospitalar na Redução do Estresse da Criança Hospitalizada. In: III Congresso Brasileiro de Educação Especial, 2008, São Carlos. **Anais do III Congresso Brasileiro de educação Especial.** São Paulo: Galoá, 2008. v. 1. Disponível em: <http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/133/reducaoestresse.pdf>. Acesso em: 05.abril.2022

OLIVEIRA, Tyara Carvalho de. **Um Breve Histórico sobre as Classes Hospitalares no Brasil e no Mundo.** SEMED Nova Iguaçu, RJ. 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9052_5537.pdf Acesso em 28. Out. 2020

ONU. **Declaração Universal dos Direitos da Criança**. Nova Iorque: ONU, 1959.

PEREIRA, Almén do Carmo Xavier, et al. **Rotina do atendimento das classes hospitalares da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**. Brasília.

PEREIRA, Luciana Ferreira. **Pedagogia Hospitalar: A Leitura Nutrindo a Alma**. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/pedagogia-hospitalar-leitura-nutrindo-alma.htm> Acesso em 07. Jan. 2022.

PIRES, Conde, E.; MELO Cunha, B. A formação do pedagogo e sua atuação em equipes multiprofissionais de atendimento a crianças especiais. **Educação: Teoria e Prática**, v. 30, n. 63, p. 1-17, 14 dez. 2020.

SANT'ANNA, Alecsandra dos Reis Zucoloto; PINTO, Leiza de Oliveira; SOEIRO, Wailla Paola. **Pedagogia Hospitalar: Uma modalidade de ensino em diferentes olhares**. Serra: Escola Superior de Ensino Anísio Teixeira, 2011. Disponível em: <https://livrozilla.com/doc/767832/pedagogia-hospitalar--uma-modalidade-de-ensino-em-diferentes>. Acesso em: 15.abril.2022

SANTOS, C. B.; SOUZA, M. R. **Ambiente hospitalar e escolar**. In: MATOS, E. L. M. (Org.) **Escolarização Hospitalar: Educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SANTOS, Silvana Divaneide Paz dos. **A influência do lúdico no ambiente hospitalar infantil**. Maringá, 2012.

SECRETARIA de Educação do DF abre seleção para professor hospitalar. **Estado de Minas emprego**. 31.jan.2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/emprego/2022/01/31/interna_emprego,1341467/s-ecretaria-de-educacao-do-df-abre-selecao-para-professor-hospitalar.shtml. Acesso em: 15.fev.2022
SILVA, Andrieli. O papel do pedagogo hospitalar. **Brasil escola**. Educação. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-papel-pedagogo-hospitalar.htm>. Acesso em: 07. abril.2022

SILVA, Carla Carvalho da. Os desafios pedagógicos no contexto hospitalar. **Web artigos**. 14.dez. 2020. Disponível em; <https://www.webartigos.com/artigos/os-desafios-pedagogicos-no-contexto-hospitalar/167294>. Acesso em: 09.abril.2022.

SILVA, Nelson da; ANDRADE, Elane Silva de. **Pedagogia hospitalar Fundamentos e Práticas de Humanização e Cuidado**. UFRB. Cruz das Almas-BA, 2013.

SOUZA, Amaralina Miranda de. A formação do Pedagogo para o trabalho no contexto hospitalar: a experiência da Faculdade de Educação da UnB. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 17, n. 33, p. 251-272, maio/ago. 2011.

SILVA, Roberta da; FARAGO, Alessandra Corrêa. Pedagogia hospitalar: a atuação do pedagogo em espaços não-formais de educação. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, U. 11. (1): 165-185, 2014. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074320.pdf> Acesso em 07. Jan. 2022.

VERDI, Cristiane. A importância da literatura infantil no hospital. In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira (Org). **Escolarização Hospitalar: Educação e Saúde de mãos dadas para humanizar**. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2010.

APÊNDICE

Formulário preenchido pela estagiária de pedagogia

1. Na sua perspectiva descreva a importância do pedagogo no contexto hospitalar.

A pedagogia tem sua importância e necessidade em qualquer área que envolva pessoas, e nisso se inclui o hospital. Ter um profissional que trabalhe com a educação em todos os sentidos (seja ajudando as crianças em uma tarefa da escola, brincando ou jogando, contando uma história, desenvolvendo um projeto de atividades) tem um grande significado nesse espaço, proporcionando uma construção social daqueles que por ela são atendidos, assim como qualquer outro profissional da área da saúde, mas com um toque especial.

2. Quais são as maiores contribuições que a Pedagogia Hospitalar traz para esse Hospital?

Traz a visibilidade da necessidade do lúdico, do pedagógico no tratamento dos pacientes, e como faz diferença durante esse processo, seja no desenvolvimento afetivo, na construção social da criança na brincadeira por exemplo, nos jogos e em como lida e pode lidar com sua doença, amenizando a dor desse momento tão delicado da vida destas.

3. Quais são os maiores desafios que você como pedagoga hospitalar enfrenta?

A falta de reconhecimento da importância. Por se tratar de um ambiente hospitalar, o pedagogo está no meio de profissionais majoritariamente da saúde. O lúdico, a brincadeira, o momento de diversão as vezes não tem o seu valor reconhecido por outros profissionais, é algo como uma distração, e não como algo que possa acrescentar ao paciente. Em contrapartida o pedagógico é mais valorizado, visto que grande parte das crianças passam a maior parte do seu tempo no hospital sem poder ir à escola.

4. Descreva sua rotina.

A função principal dos estagiários de pedagogia é auxiliar no atendimento das brinquedotecas. Inicialmente o Check list de limpeza dos espaços é conferido e os leitos de precaução de contato são demarcados, pois possuem restrições, o que facilita o atendimento. Os armários de brinquedos são conferidos e os brinquedos limpos do atendimento anterior são organizados e guardados. Por conta da pandemia, o atendimento nos espaços é feito por agendamento, atualmente sendo possível ter 4 crianças por horário. Realizando essa etapa, atendemos as crianças conforme o horário estabelecido. As crianças que por algum motivo não possam sair do leito, seja por estar de precaução, ou ser limitações físicas, recebem a Caixa divertida, uma caixa contendo brinquedos e jogos de sua preferência. Essa etapa é realizada no início da semana, para que as crianças possam ficar com a caixa até o fim da semana (Sexta feira). É atendida toda a internação, TRS e UTI. Elaboramos planejamento de atividades todo mês para serem executadas no espaço em que você estiver atuando, seja na brinquedoteca, mas

brinquedotecas móveis, como no centro cirúrgico, com as crianças atendidas por Transplante renal substitutivo e hospital dia (quimioterapia). As atividades são feitas de acordo com o tema do mês informado pelo SVP (supervisão de voluntariado e pedagogia hospitalar), e são elaborados no início do mês, podendo utilizar dos diversos materiais disponíveis para esse fim. À chegada de voluntários do hospital, realizamos agendamento para que estes atendam também nas brinquedotecas. Ao final da semana conferimos jogos e brinquedos, além de elaborar novos. A pesquisa de satisfação do hospital também é feita pela equipe, podendo ocorrer nas brinquedotecas ou qualquer espaço do hospital. Quando solicitado, são realizados agendamentos dentro dos leitos ou no espaço (internação), sempre com cuidado de acordo com a precaução ou necessidade da criança. As crianças que realizam a transfusão de sangue (TRS) também são atendidas por nós por meio dos brinquedos e jogos. Projetos maiores como uma apresentação no hall Central também colaboramos na execução.

5. Quais são as principais diferenças entre os planejamentos para o atendimento na brinquedoteca e internação?

São públicos diferentes, em situações diferentes. Nas brinquedotecas ambulatoriais as crianças estão mais dispostas, "saudáveis" em comparação a uma criança que está internada, pois esta tem limitações. Por isso as atividades são mais dinâmicas, práticas, e que podem pedir mais dos frequentadores, como uma brincadeira de correr como caça ao tesouro, uma atividade teatral. Já nas brinquedotecas da internação a condição da criança de exercer alguma atividade, algum movimento é restrito, por isso são desenvolvidas mais atividades manuais, jogos de mesa, dentre outros. Tudo considerando a condição de saúde de cada criança.

6. A estrutura física e os recursos que o hospital oferece são adequados para a realização dos atendimentos? Justifique.

A estrutura do hospital é pensada nas crianças, desde a decoração até os equipamentos, cadeiras, pias, todos estarem ao nível de altura da criança. Os recursos são os melhores possíveis, como materiais de papelaria, uma diversidade de brinquedos, de jogos, de materiais pedagógicos, artes no geral como música, dança, pintura. Tudo isso possibilita um trabalho melhor e de qualidade para os pacientes.

7. Quais são os materiais que normalmente são usados em escola, mas que não podem ser utilizados na brinquedoteca e internação?

Algodão, materiais com brilho, materiais com ponta como palitos de churrasco, tinta de rosto.

8. Nesse hospital o pedagogo hospitalar é valorizado e integrado por parte da equipe de saúde (médicos, enfermeiros, psicólogos, nutricionistas e etc.)?

É valorizado e integrado, mas não tem o mesmo reconhecimento comparado aos outros profissionais no sentido de ter o trabalho levado à sério, como nas brinquedotecas, sendo reduzido apenas ao lúdico, diminuindo todo o trabalho e potencial que um pedagogo pode exercer.

Formulário preenchido pela pedagoga

1. Na sua perspectiva descreva a importância do pedagogo no contexto hospitalar.

O Pedagogo é essencial no meio hospitalar, pois nele a criança recupera a ausência da vida escolar que foi interrompida por conta do tratamento. O Pedagogo leva meios para que a criança não seja vista apenas como paciente e sim como criança! Que pode sim brincar e aprender.

2. Quais são as maiores contribuições que a Pedagogia Hospitalar traz para esse Hospital?

Humanização, o Hospital se torna um local mais leve e não vê só a doença, e sim o desenvolvimento completo da criança.

3. Quais são os maiores desafios que você como pedagoga hospitalar enfrenta?

A falta de conhecimento dos outros profissionais com a pedagogia hospitalar

4. Descreva sua rotina.

Atuo tanto nas brinquedotecas ambulatoriais como nas da Internação. Levando o brincar e o reforço pedagógico. Oriento também as estagiárias de pedagogia em suas demandas.

5. Quais são as principais diferenças entre os planejamentos para o atendimento na brinquedoteca e internação?

O tempo e o foco da atividade

6. A estrutura física e os recursos que o hospital oferece são adequados para a realização dos atendimentos? Justifique.

Sim. Tanto os materiais pedagógicos como os jogos e brinquedos diversos, são adequados para o uso diário

7. Quais são os materiais que normalmente são usados em escola, mas que não podem ser utilizados na brinquedoteca e internação?

Tinta, balão, brinquedos de pelúcia e MDF

8. Nesse hospital o pedagogo hospitalar é valorizado e integrado por parte da equipe de saúde (médicos, enfermeiros, psicólogos, nutricionistas e etc.)?

Não

Formulário preenchido pela psicopedagoga

1. Na sua perspectiva descreva a importância do pedagogo no contexto hospitalar.

É de suma importância a presença do pedagogo no ambiente hospitalar. Geralmente os pacientes com tratamentos específicos se ausentam da escola por vários motivos. O pedagogo é o apoio do paciente nesse período de tratamento. Não somente pelos conteúdos educacionais, mas acredito que por meio da ludicidade é levado o conhecimento para o paciente. O pedagogo tem um grande papel na humanização hospitalar.

2. Quais são as maiores contribuições que a Pedagogia Hospitalar traz para esse Hospital?

São várias contribuições: a participação e interação do paciente com o ambiente em que ele está inserido no momento; incentivar o brincar, a alegria; o apoio pedagógico com atividades direcionadas; humanização dentro do ambiente hospitalar;

3. Quais são os maiores desafios que você como pedagoga hospitalar enfrenta?

O maior desafio e que já está sendo superado (aos poucos) é o conhecimento da equipe multiprofissional sobre a importância da pedagogia dentro do ambiente hospitalar. Outros desafios são os materiais e espaços adequados, que também aos poucos estamos nos organizando e nos adaptando. E o desafio do dia a dia, conforme é o estado de saúde do paciente. Nem sempre conseguem aderir acompanhamento.

4. Descreva sua rotina.

Pedagogo tem a função de acompanhar, orientar e auxiliar na condução dos atendimentos lúdico-pedagógico nas brinquedotecas e espaços específicos de atendimento pedagógico. Faz parte da rotina também a visita nos leitos e nas brinquedotecas. Providenciar materiais necessários para que haja um bom atendimento. Planejar e acompanhar os projetos e atividades oferecidas. Organizar atividades para celebrar datas comemorativas. Supervisionar a rotina de higienização dos espaços e brinquedos disponíveis nos espaços. Em geral, acompanhar a organização e funcionamento das brinquedotecas e prezar pelo atendimento lúdico-pedagógico para os pacientes que estão impossibilitados de frequentar a escola presencialmente. Prezando sempre pelo bem-estar físico e emocional do paciente.

5. Quais são as principais diferenças entre os planejamentos para o atendimento na brinquedoteca e internação?

A maior diferença está em adaptação das atividades propostas. O paciente que está internado não tem as mesmas condições físicas, e até mesmo emocionais que o paciente que vai no ambulatório para uma consulta e exames. O objetivo que quero alcançar também é diferente.

6. A estrutura física e os recursos que o hospital oferece são adequados para a realização dos atendimentos? Justifique.

Deve ser adequado. Na verdade, o pedagogo responsável deve juntamente com sua equipe de atendimento preparar os materiais e recursos que serão utilizados. De forma que sejam de fácil higienização e não ofereça riscos para os usuários.

7. Quais são os materiais que normalmente são usados em escola, mas que não podem ser utilizados na brinquedoteca e internação?

Materiais que não podem ser higienizados. Porém sabemos que há materiais que são utilizados, como papel, mas que o paciente ao manusear pode levar para casa. Há materiais que são evitáveis, como isopor, glitter ou purpurina, tintas de tecido e outros.

8. Nesse hospital o pedagogo hospitalar é valorizado e integrado por parte da equipe de saúde (médicos, enfermeiros, psicólogos, nutricionistas e etc.)?

No HCB a pedagogia hospitalar está em processo de construção, de adaptação e desenvolvimento. Ainda não participamos diretamente da equipe multiprofissional, mas temos projetos e acordos de interação com muitas áreas que abrangem a equipe multiprofissional.